



SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS SOBRE DISCOS VOADORES

Jan. - Junho 1969

Edição: 1.º de Maio 1969

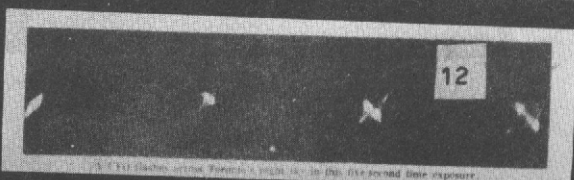
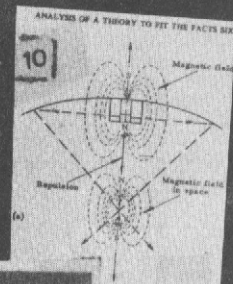
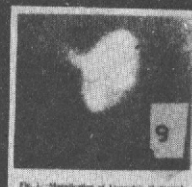
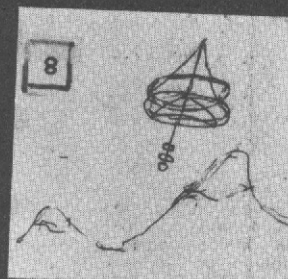
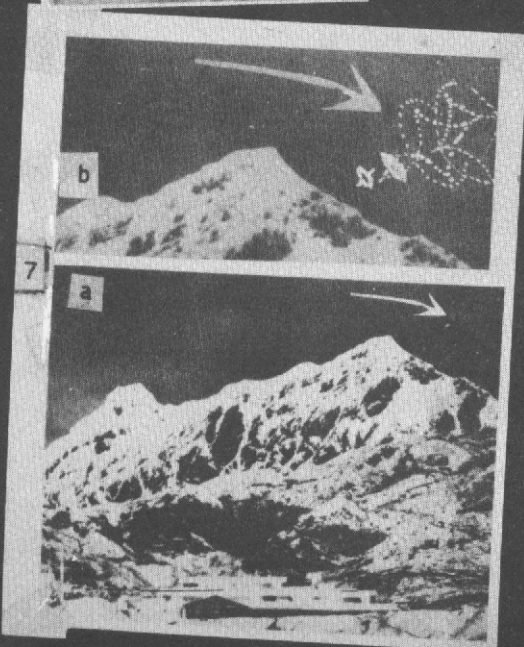
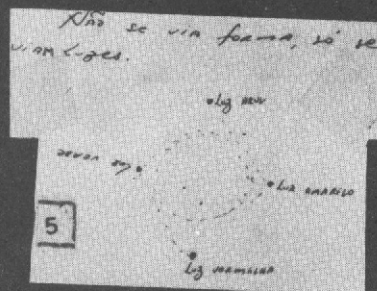
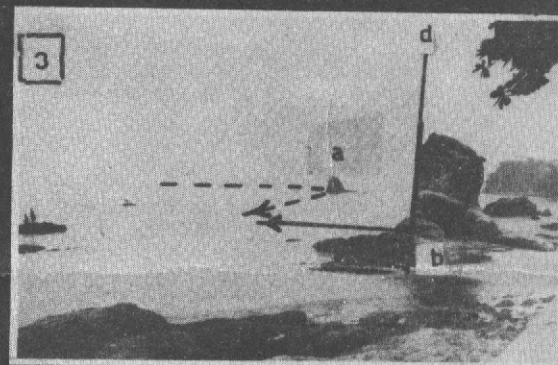
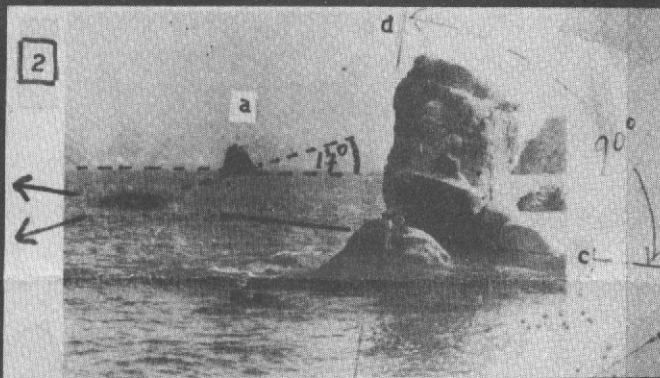
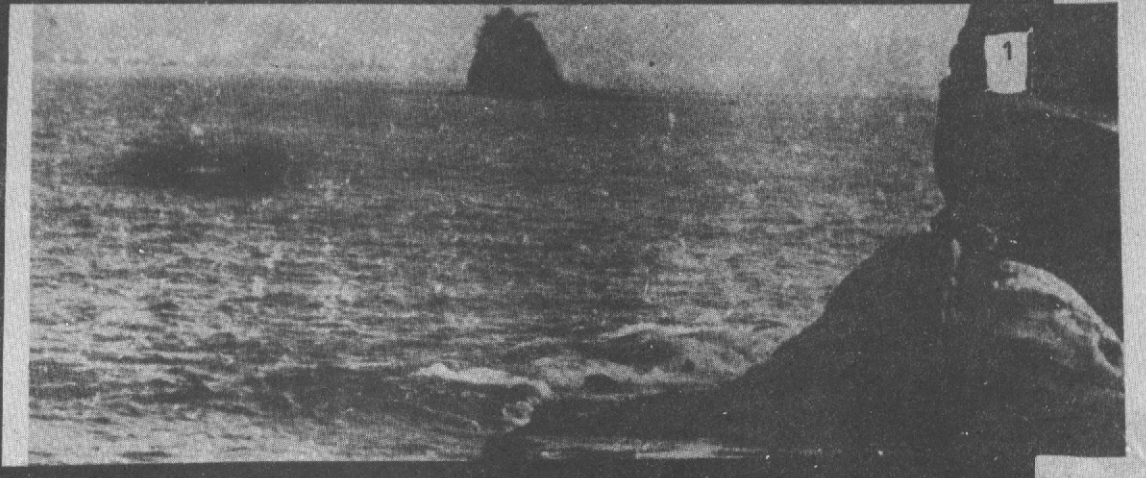
Endereço: Caixa Postal n.º 17 - ZC-01, Correio do Largo do Machado

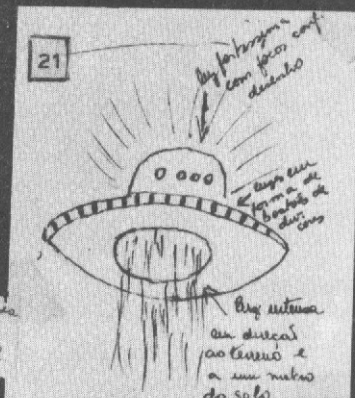
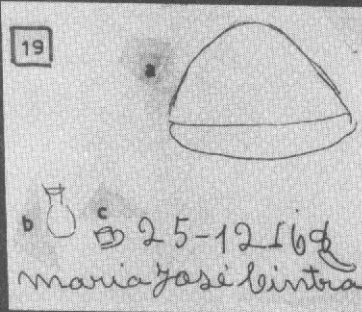
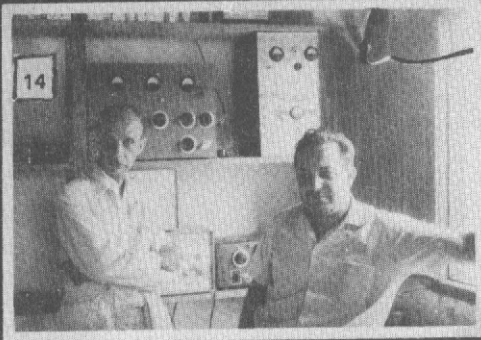
Rio de Janeiro (Gb), Brasil

CIPEX-Centro de Investigação e Pesquisa Exobiológica

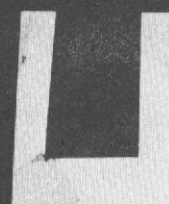
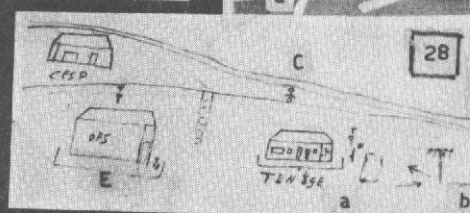
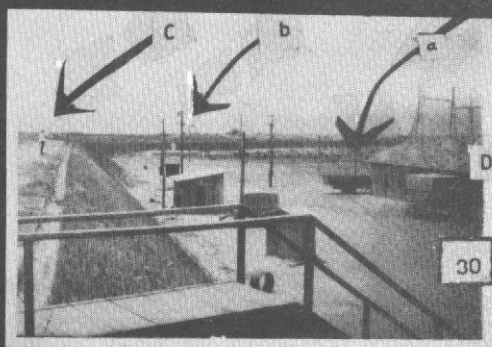
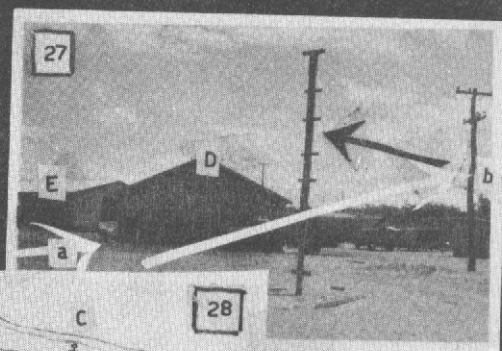
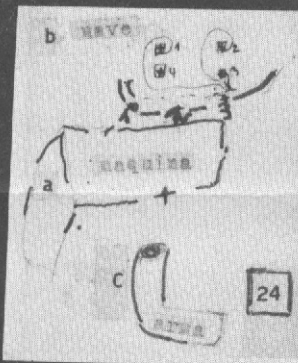
Cx. P. 24.555 - Agência Uberaba - Curitiba - Paraná - Brasil

Cep. 81.570-971 - e.mail: cipexbr@yahoo.com





20 pista n.º 9 - A marca do Sapato deixada no chão durante um + ou - pouco o desmoronamento do lado. Para Tinha Sinal continuo de latido.



A 1 - TEXTOS EXPLICATIVOS DAS FIGURAS

FIG. 1 a 6: Indiscutível é o fotógrafo fluminense Claucy Pinheiro Moledo, a "vedete" da foto nº 1, embora outras pessoas se juntassem depois à pesquisa. A fig. nº 1 é um recorte ampliado da foto nº 2, da pedra de Itapuca, que fica no fim da praia das Flexas, início de Icaraí, e é a "figura simbólica" de Niterói. Foi fotografada por Claucy num domingo em meados de junho de 1968, às 13 horas da tarde, com uma Flexarette (filme de 35mm) 6 x 6, com o diafragma em 1/16 e tempo de exposição de 1/250 segundo. Só depois de olhar a ampliação verificou o fotógrafo um ponto mais luminoso, dentro ou perto da superfície da água, envolto por uma área mais escura, como costuma acontecer com fenômenos de grande luminosidade. Também só nessa oportunidade notou os dois banhistas ao pé da pedra, apontando para o fenômeno. Pelo número e tamanho das ondas, calculamos em aproximadamente 30 a 40 metros a distância desse ponto à pedra. Um amigo nosso (Dr. S.P.), que mora exatamente defronte à pedra, sugeriu que a fotografássemos em "maré baixa", para excluir a possibilidade de se tratar de "pedra submersa". Por informação do fotógrafo náutico e Sócio da SBEDV, Almiro Baraúna, fizemos então uma foto com a nossa Topcon (grande angular f = 50mm) no dia 3 de fevereiro de 69, às 11 horas, com a "maré mais baixa" (foto nº 3), para verificarmos se o tal ponto luminoso corresponderia a alguma pedra submersa. Para poder situar as pedras que então emergiam (à esquerda) nesta foto nº 3, e compará-las com a posição do objeto na foto nº 2, foi na última tomada arbitrariamente como referência um ângulo de 17 graus, formado entre a linha da praia da Guanabara e uma linha que liga o centro da ilha "a" com o ponto luminoso. Outra linha de referência ("c"), cruzando a primeira no ponto luminoso, foi traçada passando por um acidente característico da pedra Itapuca, em ("b"), e mantendo um ângulo de 90° com a linha "d" (tangente à pedra de Itapuca). Observe-se que as duas fotos foram batidas do mesmo local e as linhas de referência foram traçadas obedecendo aos mesmos critérios nas duas fotos.

CIPEX e GENA

Na maré baixa (foto nº 3) aparece maior parte da pedra Itapuca mas não se vê qualquer pedra no ponto onde as duas linhas se cruzam, correspondente ao local do objeto luminoso, o que prova que realmente o tal objeto era estranho àquele local. Talvez que esta foto do Sr. Claucy (que aparece na foto nº 4) seja a primeira de um "UFO" submerso ou semisubmerso.

Na casa do nosso amigo, ainda fomos apresentados a um parente (L.F. A.M.) de 24 anos, o qual relatou-nos o seguinte fato: Aprox. na mesma época, às 22h e 30 minutos, observou junto a amigos e um grupo de umas 20 pessoas, do Jardim de Ingá, um objeto (veja croquis nº 6) retangular com uns 20 holofotes dirigidos para baixo, e que subiu até cerca de 300 metros, iluminando profusamente a água em baixo. Em seguida outra vez desceu, repetindo esta manobra umas 10 vezes em 5 minutos. Às vezes parecia descer apagado, porquanto súbitamente reaparecia na superfície d'água. Outras vezes apagara os holofotes no alto, vendo-se apenas um quadrilátero formado por 4 luzes, nas cores vermelha, amarela, azul e verde. Uma vez que o espetáculo se dava na direção da ilha da Boa Viagem, a 50 metros da praia, dirigiram-se então à ilha, para observar melhor. Porém, ali chegando de carro após uns 5 minutos, junto com mais outras pessoas, nada mais viram.

FIG. 7 a 12: Referem-se a uma foto da "Sierra Central", dos Andes peruanos, que chegou às mãos do nosso bom amigo e ufólogo peruano, Carlos Paz Garcia, o qual tivemos o prazer de conhecer pessoalmente quando de sua visita ao Rio de Janeiro (leia Bol. nº 60/61, pág. 8). Notou o Sr. Garcia, na foto 7-b, duas elipses muito tênues no céu, acima das montanhas (invisíveis em nossa reprodução). Foram desenhadas por ele à parte, em 8, e transpostas por nós mais uma vez para um aumento recortado em 7-a. Pergunta o Sr. Garcia se aquilo não poderia se relacionar com atividades dos DV (veja, na fig. nº 10, croquis do livro de Leonard G. Cramp, a

CIPEX e GENA

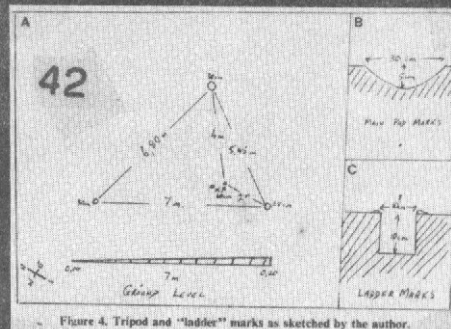
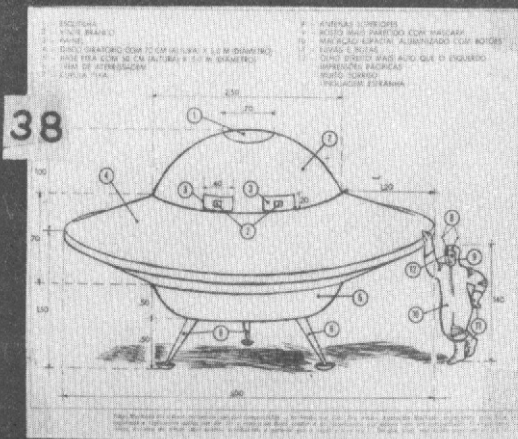
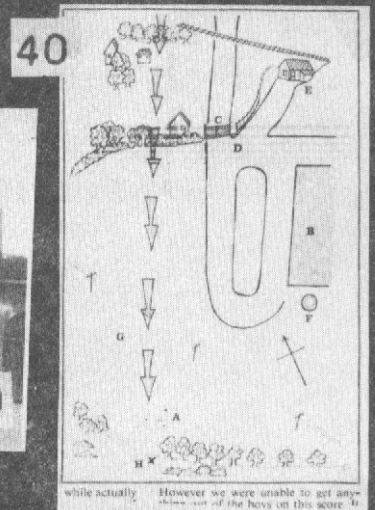
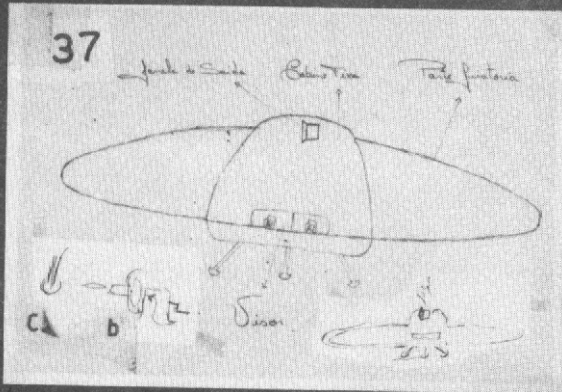
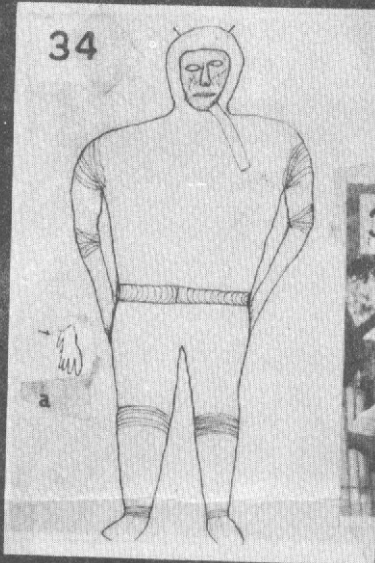
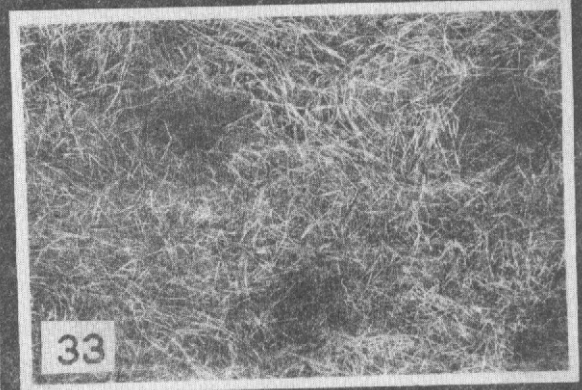


Figure 4. Tripod and "ladder" marks as sketched by the author.

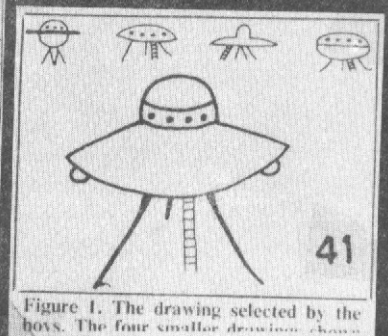


Figure 1. The drawing selected by the boys. The four smaller drawings above.

respeito da propulsão de VD), não querendo lhe parecer um jôgo de "reflexos das lentes". Compartilhamos com êle neste ponto de vista e também relembramos casos de configurações semelhantes (apresentados pela "FLYING SAUCER REVIEW - Londres) vista (e fotografadas) no céu, como por ex. a da fig. nº 9 (F.S.R., Aug. 62), referente ao caso do espanhol Salvat, e as das fig. 11 e 12, referentes respectivamente aos céus de uma fundição ("Armco") e aos céus de Toronto, em Canadá (também publicado pela F.S.R.).

Fig. 14 a 16 - Referem-se a uma importante pesquisa, ainda no início, ligada a uma interferência causada por um DV em aparelhos receptores de radiofonia. O relato consiste do item B-11. Em 14, veem-se o protagonista, Sr. Donald, à direita, e seu amigo, Sr. Giglio, à esquerda, ambos em frente aos aparelhos transmissor e receptor do primeiro, em sua residência. Em 15, o Sr. Donald, no terreiro da sua residência, apontando para o lado por onde se deu o desaparecimento do DV, por trás do telhado. Em 16, um pedaço de fita magnética (ao vivo! ...) contendo gravação da interferência sonora que o DV produziu na ocasião. Para reprodução do sinal, o leitor deverá emendar, de cada lado da fita aqui apresentada, um comprimento conveniente de fita virgem, que seja o suficiente para prender nos dois carretéis do gravador a ser utilizado, e mais uma certa margem de folga para possibilitar o movimento da fita. Desta forma, o trecho gravado ficará mais ou menos na parte central, o que possibilitará a sua audição. A velocidade deve ser ajustada para 1 polegada e 1/3, por segundo.

CIPEX e GENA

Desta forma, inaugura a SBEDV, modestamente, o processo áudio-visual na apresentação de pesquisas. Apesar de já ter havido gravações semelhantes em outros lugares, é a primeira vez que uma publicação especializada distribui aos seus leitores uma amostra reproduzível.

OBS.: Por se tratar de material caro, o exemplar da fita gravada (fig. 16) está incluído apenas nos boletins destinados aos sócios da SBEDV e a alguns pesquisadores e Sociedades mais importantes com quem trocamos correspondência franca sobre a matéria.

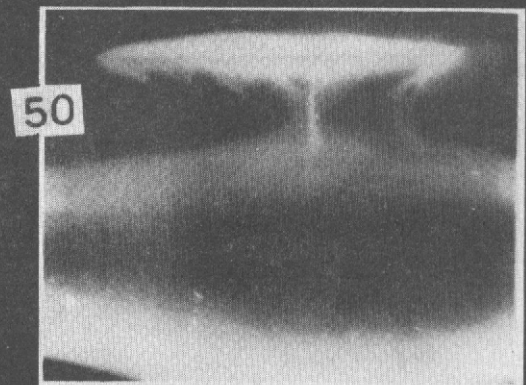
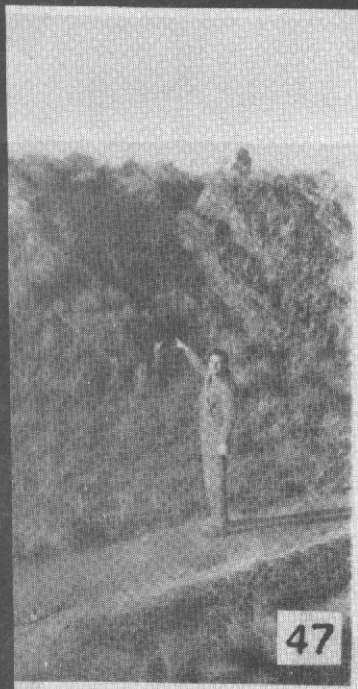
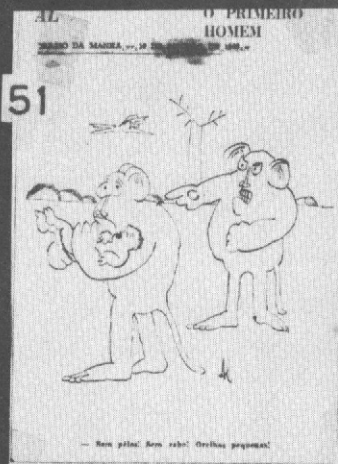
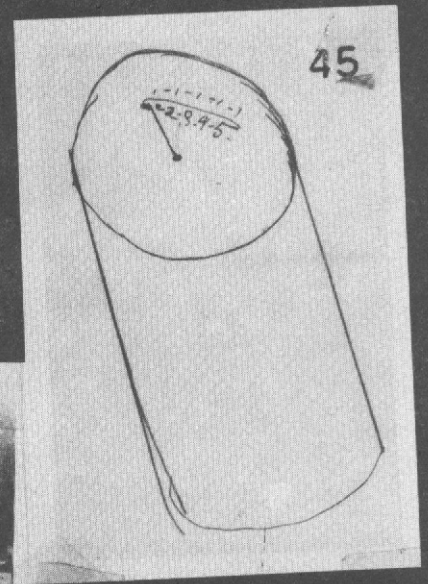
Fig. 17 a 21 - Referem-se à aventura de Dona Maria Cintra (item B-3), em 17, no bebedouro do sanatório, enchendo a garrafa d'água, com o enfermeiro Mário Sanches personificando "a visitante". Na fig. 18 o Sr. Sanches aponta para o local da aterrissagem e a seta mostra o quarto de Da. Maria. Na fig. 19, os desenhos: o veículo "a", a garrafa ("b") e do caneco ("c"), segundo a representação de Da. Maria. A fig. 20 mostra o desenho que o Sr. Sanches fez das impressões deixadas no chão pela "visitante". Na fig. 21, outro desenho ("desenho falado") do Sr. Sanches, mostrando o DV visto pelo paciente da ala E-3.

Fig. 22 a 24 - Referem-se à experiência de Turíbio Pereira (item B-4). Em 22, Turíbio frente ao barranco, mostrando a posição da sua máquina enquanto a nave dos tripulantes estava encostada em ângulo agudo, consoante o Volks visto na foto. Na fig. 23 está o Sr. Turíbio trepado na esteira direita da sua máquina, olhando o óleo do diferencial. Na fig. 24 êle procurou demonstrar a sequência da entrada dos homens na navezinha ("b"), com um croquis da "arma" em ("c") e a sua máquina de movimentar terra (em "a").

FIG. 25 a 30 - Referem-se à experiência de Daílido (item B-5). Em 25, o Sr. Daílido frente à tabuleta indicativa da subestação da CESP de Bauru. A fig. 26 mostra o engenheiro Benedito Clovis dos Santos apontando para o arquivo que trazia os sinais das atividades dos extraterrestres. A fig. 27 mostra o local da luta em (a) frente ao escritório técnico, a "Tenenge" em (d), o transformador e direção do voo em (b) e a oficina em (E). Tudo isto é visto também no desenho 28, feito por Daílido.

CIPEX e GENA

ver:
7-AR



roto da area perto da cratera MARIUS
feito pelo ORBITER LUNAR II. Compare
as sombras das crateras (seta branca)
daquelas das cupulas (seta preta)



do, onde se nota ainda em (c) o tripulante no barranco e o escritório administrativo em (CESP). Na fig. 30 tem-se ainda uma visão panorâmica do barranco, assim completando as fig. 27 e 28. Nota-se em (c) o Sr. Daíldo no local ocupado naquela noite pelo vigilante extraterrestre. A fig. 29 é a foto que fizemos da moessa, na madeira da parede externa do escritório, causada pelo impacto do conduíte manejado pelo Sr. Daíldo.

Fig. 31 - Sr. Antonio Luiz Adriano, de Leme (Estado de São Paulo), protagonista de uma visita de robots às instalações da CESP em Leme (item B-6)

Fig. 32 a 39 - Referem-se à aventura de Tiago Machado, em Pirassununga (Estado de São Paulo), que forneceu um maço de cigarros aos tripulantes (item B-7). Na fig. 32 vê-se em primeiro plano o local da aterrissagem e em último, o bairro Pinheiro (seta). A fig. 33 mostra de perto os vértices do triângulo equilátero formado pelos 3 buracos deixados no chão pelo tripé da nave. A fig. 34 apresenta o tripulante desenhado por Tiago, anotando-se em separado (em "a") a mão do mesmo, apresentando um polegar mais afastado em relação ao "humano" (terrestre). Na fig. 35 vê-se Tiago com o seu pai de criação, no quintal de casa e na foto 36 acha-se Tiago ao lado da sua casa, na esquina da rua, apontando para o local da aterrissagem do outro lado do vale. A fig. 37 apresenta um croquis da nave, feito por Tiago, vendo-se em (b) a "arma" e em (c) a concha de apóio do tripé. Na fig. 38 vê-se um "retrato falado" feito pelo irmão de Tiago, o engenheiro Aparecido Machado (os agradecimentos da SBEDV ao Dr. Machado). O portal de entrada para as terras do Instituto de Zootécnica (Faculdade de Medicina Veterinária de S. Paulo) vê-se na foto 39.

CIPEX e GENA

Fig. 40 a 42 - Estão ligadas ao item B-8 que conta uma aterrissagem frente a um hospital em Botucatu. No desenho 40, feito pelo Sr. Rimes, vêem-se o local do hospital (em B), o local da aterrissagem (em A) e a direção de ida e volta da nave. O desenho maior do croquis da fig. nº 41 foi selecionado pelas testemunhas, entre outros (os menores no referido croquis). Em 42 estão focalizados por menores dos traços deixados no chão pelo tripé e pela escada do DV.

Fig. 43 a 46 - Relacionam-se com a aventura da família do Sr. Caetano Sérgio dos Santos, de Caconde (Estado de São Paulo), que (conforme item B-9) hospedou por uma noite, na sua casa, um engenho espacial. A fig. 43 mostra o casal e os seus 2 filhos protagonistas. A fig. 44 mostra o tópo do box, onde ficou guardado o objeto. A fig. 45 apresenta o objeto como foi desenhado pela testemunha. Em 46, a casa da família, notando-se o quarto de dormir, à direita (seta branca), e a cozinha, à esquerda (seta preta), onde houve também perfuração do telhado à noite.

Fig. 47 a 50 - Estão ligadas ao caso de uma foto de um DV, feita em Itapeva (Estado de São Paulo) pelo fotógrafo profissional Ibraim Fonseca de Rodrigues (item B-10). Em 47, Ibraim, no local da foto, apontando para o planalto onde se localizava o DV. Em 48 é visto êle no planalto apontando para o local, vendo-se em segundo plano o bairro "Mata Fome". Em 49, croquis executado pela testemunha: nota-se em (1) a concepção da "estrêla que se alargava"; em (2), o DV como foi fotografado e em (3), a concepção do seu aspecto na decolagem. Em 50 vê-se a ampliação da foto do Sr. Ibraim, como foi a nós fornecida pelo Sr. Guilherme Wirz, sócio da ABECE (sociedade ufológica paulista) e também sócio da SBEDV (carioca).

Fig. nº 51 - Desenho do artista AL, do Correio da Manhã (19 de jan. 69), focalizando humoristicamente o "egocentrismo" terrestre, que chama de anormais ou monstros tôdas as raças que se diferenciam eventualmente do padrão humano, como é conhecido na Terra. Expõe o desenho o caso de raça "humanoide" que possui rabo, orelhas grandes e pêlos, e que expulsa de casa e da sua comunidade um filho que apresenta uma "anomalia" de não possuir um rabo, e assim, "passar para um monstrinho".

Fig. 52 e 53 - O "Orbiter II" fotografou para a NASA "tôrres estranhas"(52) na Lua e formações (fig. 53) que "atestam atividade de dentro para fora". Entretanto podem ser identificadas perfeitamente como cúpulas, mesmo pelo homem comum. Basta comparar o lado da sombra dessas cúpulas (apontadas por setas pretas), com o lado da sombra das crateras (apontadas por setas brancas). Se esta é a concepção da NASA, então os nossos obeliscos e casas deveriam mudar de nome para "tôrres estranhas" e "atividades terrestres de dentro para fora".

Fig. 54 - As inúmeras fotos e os dias e noites gastos em Lins (São Paulo), pela equipe de "Última Hora" de São Paulo, são os primeiros testemunhos de que alguns órgãos da nossa imprensa já compreenderam a importância e implicação da aproximação de civilizações extraterrestres.

CIPEX e GENA
-:-:-:-:-

A 2 - NOTÍCIAS DA SOCIEDADE

Houve uma assembléia extraordinária no dia 29 de dezembro de 1968, anunciada no Diário Oficial do dia 12-12-68 e em "A Notícia" no dia 18-12-68, tendo sido então confirmada a mesma Diretoria para um período adicional de 2 anos, com pequenas modificações nos cargos.

Embora o número de Sócios continue pequeno (com deficit financeiro na impressão do seu Boletim Inf.), têm os mesmos demonstrado atividades mais profícuas, das quais citamos:

a- Confecção (em execução) de várias coleções de Boletins (35 vol.) dos 12 anos de existência da SBEDV, podendo ser fornecidas a Bibliotecas públicas.

b- Viagens exaustivas (física e financeiramente), a vários pontos do País, para a realização das pesquisas deste Boletim (e de outros), além do grande trabalho inerente à composição dos textos, correções, arranjos dos fotos, impressão, etc...

c- Correspondência (nacional e internacional) com pesquisadores e sociedades especializadas, para nos mantermos em dia com os acontecimentos nacionais e mundiais e também contribuirmos com a nossa colaboração desvinculada de interesse imediatista.

d- Esclarecimento da atitude correta que qualquer pessoa deve assumir frente aos tripulantes dos DV, conforme divulgado pelo nosso sócio Carlos A. Rocha, na oportunidade dos recentes festejos carnavalescos. O Sr. Carlos, vitorioso compositor ("Carlinhos Sideral") do samba-enredo do G.R.E.S. Imperatriz Leopoldinense, por ocasião do respectivo desfile (aqui no Rio), fêz distribuir ao público um impresso contendo, juntamente com a letra da composição, uma série de considerações sensatas, como orientação às eventuais testemunhas de contatos. Afortunadamente o texto foi divulgado diversas vezes, pelo rádio e pela TV. O Sr. Carlos teve para isto iniciativa e sacrifício financeiro de caráter exclusivamente pessoal. Pela sua atuação significativa, deixamos aqui os nossos sinceros elogios.

Os jornais também estão começando a colaborar mais efetivamente com a SBEDV, nos moldes como é feito aliás há muitos anos em Belo Horizonte, com o CICOANI. Os periódicos que mais se destacam em noticiar o assunto são O DIA e A NOTÍCIA, aqui no Rio, e a ÚLTIMA HORA, em São Paulo. Este, aliás, já começou a pesquisar o assunto (veja texto e fig. nº 54). Agradecemos ao primeiro e a O JORNAL por terem publicado matéria do nosso Boletim Informativo (62/65), e ao DIÁRIO DE NOTÍCIAS (9/3/69) por ter feito uma entrevista com um de nós. Este último também publicou (16/3/69) ótima reportagem de Carlos Neto, focalizando astronautas (terrestres) que já viram e fotografaram DV no espaço.

Animados pela reportagem de O DIA (2 e 4 de abril-69), sobre o DV de Nova Iguaçu (E. do Rio), fizemos também uma pesquisa, no local, e posteriormente demos a este jornal informes precisos do que investigamos. Entretanto, numa reportagem posterior (O DIA, 5-4-69), este periódico declarou de modo errôneo (cremos que involuntariamente) que nós pessoalmente avistamos o DV naquela ocasião, o que não corresponde à realidade. Embora tivesseamos chamado a atenção sobre este fato, antes e depois da reportagem, não foi publicada, até agora, qualquer retificação a respeito, como era de se esperar.

- Quanto à estatística de aparições de DV em 1968, a mesma não está incluída no presente boletim, porém, será apresentada num próximo número, se conseguirmos o correspondente conjunto de informações necessárias e suficientes.

-:-:-:-:-
CIPEX e GENA

B - CONTATOS COM EXTRATERRESTRES

B 3 - MULHER EXTRATERRESTRE PEDE ÁGUA, EM LINS, EST. DE SÃO PAULO

O memorável fato ocorreu na noite do dia 24 para 25 de agosto de 1968. Visitamos a protagonista, Dona Maria José Cintra, exatamente 4 meses mais tarde, numa ensolarada manhã do dia 25 de dez. do mesmo ano, em sua casa cercada por um jardim florido, situada na localidade de Guaíçara, que tem uma pequena população de talvez 1000 almas. A casa dista do Sanatório Serafim Ferreira uns 45 minutos a pé. Este Sanatório de tuberculosos fica a meio caminho entre Guaíçara e a cidade de Lins (de talvez 10.000 habitantes, conhecida pelas suas numerosas escolas secundárias e instituições especializadas) e serve no Estado de São Paulo a uma grande área, porquanto possui capacidade para abrigar 700 doentes (660 na data do acontecimento). Tem 259 funcionários administrativos, dentre os quais 11 médicos e 3 dentistas. Uma vez que os pacientes vêm às vezes de longe, são admitidos a qualquer hora, logo à sua chegada, não sendo raro que isto aconteça durante altas horas da noite ou de madrugada, quando são então atendidos por Dna. Maria Cintra (Mariquinha), que desempenha esta função no Sanatório.

Na madrugada citada, aproximadamente às 5 horas, já havia levantado, e estava rezando no seu leito. Pretendia em seguida ir à casa próxima, da família do administrador do Sanatório, para lá preparar o café, como de costume. Nesse momento pensou que "chegou gente", porque escutou no pátio um barulho "como freio, brecagem" (Dna. Maria usou a palavra "embriagem") de um carro. Levantou a persiana e abriu a janela (veja a seta na foto nº 18), debruçando-se para fora, e dirigiu-se a uma mulher que distinguiu na luz da madrugada frente à porta de entrada: "A senhora espere um pouquinho, que eu já vou abrir-lhe a porta!" Vestiu a sua "capa" (um guarda-pó branco), desceu e viu a senhora através da porta de vidro. Abriu a porta e perguntou: "É internamento?" A visitante, que tinha pouco mais de 1,60m de altura (pela comparação com a altura de Dna. Maria), respondeu numa linguagem não compreensível. Entretanto, isto não é de admirar, no Estado de São Paulo, pois ali há mescla de muitas raças de nosso Globo, entre elas as dos sírio-libaneses, tchecos, poloneses, húngaros, alemães, italianos etc., etc. ... Anote-se que especialmente aqueles em idade já madura às vezes têm dificuldade em aprender a nossa língua. A visitante mostrou a Dna. Mariquinha um vasilhame de uns 20 cm de comprimento (veja em "b" no croquis 19, de Dna. Maria), e esta pensou que ela queria água, prontificando-se imediatamente a levá-la ao bebedouro para encher a garrafa. A vasilha era de singular beleza, contendo ornamentos gravados, que prenderam os olhos admirados de Dna. Maria. O bebedouro automático (água refrigerada) fica em um outro hall (de outra entrada, com porta fechada), distante cerca de 25 a 30m do primeiro portão, seguindo-se o corredor para a direita. Depois de ter enchido a garrafa da visitante (veja a posição de Dna. Maria no bebedouro, e um pouco afastada, a "visitante", personificada na foto de "reconstituição" nº 17 pelo enfermeiro Sr. Sanchez), esta estendeu ainda um canequinho (de uns 7 cm de altura, como é visto no cro

quis nº 19, de Dna. Maria, em "c") ao bebedouro, tendo Dna. Mariquinha apertado o pedal que aciona a corrente d'água. Enquanto a visitante bebia, dirigiu-lhe as palavras: "A água aqui é boa! É boa!" Após isto, a estranha dirigiu um olhar interrogador para os 2 carros do lado de fora, visíveis através da porta de vidro, à direita e à esquerda desta. Dna. Maria lhe respondeu: "Este (apontando para um deles) é o carro do médico de plantão, e aquele (apontando para o outro), é do administrador". As duas em seguida voltaram para a primeira porta e lá Dna. Maria entregou à visitante a garrafa cheia d'água. A estranha segurou a garrafa com uma das mãos, e com a outra, bateu amigavelmente no ombro de Dna. Maria, repetidamente, acompanhando este gesto com as seguintes palavras: "Abaura, abaura, abaura...". Assim teria terminado uma visita comum, com um pedido de água potável, e Dna. Maria já estava começando a fechar a porta, na expectativa de a visitante dirigir-se para a esquerda, até ganhar o portão de saída do Sanatório (que é todo cercado por uma rede de aço). A visitante, entretanto, em vez de se dirigir diretamente para a saída, atravessou uns canteiros, logo em frente da porta, o que não fazia sentido, tendo Dna. Maria então retardado o fechamento da porta. A certa distância, dentro do gramado, acendeu-se uma "luz embaçada", de forma semi-circular (veja em "a" no croquis nº 19 executado pela Dna. Maria e por ela designada "forma de pêra") e que flutuava a uns 60 ou 70 cm acima do chão. Devia haver gente lá dentro, pensou Da. Maria, porquanto notou por transparência um movimento como se fôsse uma torção de mão, quando a visitante chegou próximo. Esta devia ter entrado, porquanto repentinamente deixou de ser visível. Então, Dona Maria notou mais uma vez a repetição do movimento rotativo. Logo em seguida o aparelho elevou-se no ar, escutando-se "suaves estalinhos" (expressão da testemunha); os mesmos que se fizeram ouvir antes (na chegada) do aparecimento da visitante. Dona Maria fechou a porta e foi recuando assustada, até encostar-se na parede ao lado da escada, 15 ou 20 m distante do portão, murmurando: "Oh! é o Disco Voador, é o Disco Voador!". Percebeu então que estava bastante perturbada, porquanto toda a sua roupa estava molhada de suor a poder torcê-la, inclusive o guarda-pó. Notou outrossim que tinha praticado uma micção involuntária. Voltou para o seu quarto no 1º andar, andando de um lado para outro, até perceber luzes na casa do administrador, quando para lá se dirigiu a fim de fazer o café. Então iniciou o seu relato ao administrador e à sua esposa, com as palavras: "É bom eu contar o que me aconteceu!" Entretanto, encontrou incredulidade e ouviu a resposta: "Você sonhou (isto)!" Da. Maria estranhou e (conforme o seu relato para nós) explodiu em violenta reação contida nas seguintes palavras: "Não, ... nem sonhei e nem estou louca... eu vou-me embora agora mesmo !!!". Em vista do inusitado procedimento psicológico de uma pessoa que eles conheciam há longos anos, mudaram imediatamente de opinião, procurando acalmar a atendente, acompanhando-a até à porta de entrada do Sanatório. Ali realmente foram constatadas, no chão encerado na véspera, as impressões dos sapatos da Da. Maria, as quais eram acompanhadas por outras estranhas, de um sapato de bico muito fino (veja no croquis nº 20) que não apresentava entretanto calcanhar. Ao lado da porta, onde eram mais nítidas, essas impressões foram protegidas pelo administrador, por meio do tombamento de uma cadeira, para conservação. No gramado do canteiro havia uma mancha de capim chamuscado, que 4 meses depois, por ocasião da nossa visita, ainda não tinha voltado ao seu estado normal. Só posteriormente soubemos (carta de Da. Maria, de 31/1/69) que a depressão no solo, naquele lugar, foi causada pelo tal veículo e tinha um diâmetro com cerca de 1,5 m a 2 m, com profundidade de uns 15 a 20 cm. Aparentemente, na manhã do evento ainda havia calor no local observado pelo administrador, porquanto a carta se referia à "depressão como sendo devida ao calor". Fica ela a uma distância de uns 20 a 25 m (ao nosso ver, como também pode ser visto na foto nº 18, apontando o Sr. Sahches para o local) do portal de entrada. As feições de Da. Maria, com grandes olheiras roxas nas regiões infra-orbitárias, e tendo a roupa ensopada pelo suor, confirmavam assim o quadro de um acontecimento extraordinário. Isto induziu o administrador a chamar imediatamente uma autoridade militar (um major) de Lins, que veio em questão de minutos. Depois de examinar tudo e ouvir o relatório, dirigiu-se com grande urbanidade para a Da. Maria, com as palavras: "se a Senhora precisar de alguma coisa, disponha!" Isto significou para a testemunha um grande conforto psi-

nas 15 min a pé, da sua residência. Às 6h e 20 min chegou à sua máquina encostada em ângulo reto (veja o gesto do Sr. Turíbio na foto 22) com o barrancado do qual se tem uma visão magnífica da cidade, que dêle dista 1,5 km em linha reta. Trepou na esteira direita, de tração (tal qual é visto na foto nº 23), incluinando-se um pouco para frente, puxando a vareta do óleo do diferencial, para o contrôlo. Qual não foi a sua surpresa, quando viu um pequeno e estranho homem de roupa completamente diferente da nossa, que estava ocupado na inspeção do motor da máquina de Turíbio, e que também ficou surpreso (Turíbio aproximou-se despercebido pela direita, andando na terra fôfa que amortecia o ruído dos seus passos). Viu então mais 2 outros homens um pouco mais longe à direita (veja em "b" no croquis nº 24 do próprio Sr. Turíbio). Os três estavam sentados de cócoras numa plataforma que se projetava de um veículo do tamanho aproximado de um automóvel Karman Ghia. Esse veículo estava à esquerda da máquina de Turíbio (e por ela escondido), sendo a sua posição oblíqua ao barranco, da maneira como está encostado o carro Volks na foto nº 22. As 3 personagens trajavam uma espécie de túnica de mangas longas. A terceira personagem (veja fig. nº 3 em "b" no croquis nº 24), mais afastada à sua direita, tirou da sua manga uma espécie de "arma" pequena, mas de cano largo e cabo em ângulo reto (veja em "c" no croquis da testemunha na fig. nº 24) dirigindo-a na direção de Turíbio. Este teve a idéia de correr e fugir para a cidade, mas não pôde fazê-lo porque foi atingido no peito por um raio luminoso que saía da arma. O raio executou um movimento contínuo de ida e volta, ora aumentando até o máximo, ora diminuindo, até o completo desaparecimento. Turíbio ficou então completamente imobilizado, não sentiu qualquer dor, no início, e continuou com a faculdade de poder observar tudo o que se passava à sua frente. Através a cobertura transparente do veículo, viu então uma 4ª personagem, igual às outras, mas sentada em um banquinho sem encosto, no meio de outros 3 banquinhos (vazios), na posição indicada (veja em "b" no croquis da testemunha, fig. nº 24). Esta 4ª pessoa estava sentada de frente a uma "caixinha" (com aproximadamente 20 cm) na qual tamborilava com os dedos de ambas as mãos. Entretanto, sua cabeça ficou o tempo todo virada para a esquerda, encarando o Sr. Turíbio. A personagem no meio dos três, na plataforma, tirou terra do barranco por meio de uma conchinha côr de alumínio. Todos os movimentos dessas pessoas eram serenos, e sem qualquer pressa. Tudo se passou em cêrca de um minuto e meio, quando os dois sentados se levantaram também e entraram no veículo, por uma porta, na ordem assinalada: 1-2- (veja croquis nº 24, da testemunha), para se alojarem nos assentos mostrados (no mesmo croquis). A terceira personagem interrompeu a ação da arma imobilizadora e entrou por último, tomando assento no banco assinalado. Esta interrupção da arma veio a tempo, uma vez que Turíbio sentia um "apêto no peito" e achava que "não ia aguentar mais meio minuto". A plataforma foi dobrada para cima, encostando-se no casco, deixando ver o bôjo do veículo, que se "afinava" (não foi possível avaliar com precisão êste têrmo) e que estava flutuando a uns 5 cm acima do chão. Em seguida o veículo acendeu, deixando ainda por 3 vêzes ver a emanção de uma claridade, durante a subida. "Saí à procura de auxílio", informou-nos a testemunha, "mas não pude correr ainda". Um conhecido, Ismael de tal, o qual o encontrou no caminho, levou-o no seu caminhão até à Prefeitura, onde tôdas as pessoas repararam na sua "palidez de defunto" e olheiras profundas. Depois do seu relato ao chefe geral, êste lhe pediu para voltar ao local de trabalho. No caminho de volta, passou pela sua casa, onde entrou, caindo em pranto, como nos informou pessoalmente a esposa, tendo todos os presentes também reparado o grande abatimento da testemunha. Chegando ao local de trabalho, ficou em pé, porquanto não estava ainda em condições de executar um trabalho de coordenação muscular e mental mais complicada, conforme exigido pela máquina. Meia hora depois chegou o Prefeito da localidade, trazendo calmantes e leite que lhe deu para beber, destruindo todos os vestígios deixados pela presença dos tripulantes, e animando a testemunha a reassumir o seu trabalho para assim "poder esquecer melhor o episódio". Isso tudo aconteceu numa 4ª feira. Às 14 horas, por ordem do Delegado de Polícia, e a pedido da Aeronáutica (sic), foi levado para uma fazenda, tendo ficado até isolado do público, durante 5ª, 6ª feira e sábado. Nos dias seguintes ao episódio, tornou-se escasso o sono, mas melhorou com o uso de calmantes. Foi submetido a uma sessão de hipnose, mas recusou outras sessões.

do as mãos da testemunha na sua própria queda, rolando ambos pelo chão. Enquanto lutavam, Daildo notou que seu adversário possuía uma força regular, não podendo entretanto observar os olhos, completamente escondidos pela máscara (da mesma cor da camisa) que cobria a cabeça. Escutava entretanto, de vez em quando, uns "grunhidos", do seu adversário, que nada tinham em comum com as nossas línguas. Por uma das janelas do escritório saiu então um outro homem, igualmente vestido, e os dois, após 10 a 12 minutos de luta, quase o dominaram, apesar de que o Sr. Daildo, com os seus 22 anos, e compleição compacta (1,60 m) e robusta, se deve constituir num bom lutador. Estavam já pisando na sua mão, segurando e imobilizando o seu braço, quando chegou uma terceira personagem, possivelmente aquela do barranco, apresentando-se sem máscara, com um rosto de pele clara. Seu cabelo era arruivado, cortado, e de consistência mais dura que a do nosso, ao toque da mão, conforme Daildo pôde verificar durante a luta que continuava e se exacerbava.

Esta personagem, de roupa diferente (porquanto clara), ativou a luta arrancando de Daildo os sapatos, a capa de frio e a camisa, da qual saltaram os botões. Ainda lhe deu na perna esquerda "um tranco" do qual ainda se lembra até hoje um pouco, especialmente quando muda o tempo. Finalmente levantaram-no ao ar, socando-lhe ao chão pelas suas costas umas 5 a 6 vezes, o que lhe tirou o resto da sua resistência. Chegado a este ponto, eles o puzeram novamente de pé, e o branco bateu-lhe nas costas amigavelmente, enquanto pronunciava certas palavras, que Daildo não entendia, mas cujo significado lhe parecia: "vá para lá, seu vadio, que aqui voltamos no término" - (palavras de Daildo). Supomos que a expressão de Daildo deva significar: "vá andando que a nossa luta aqui acabou". Os outros dois, que antes tinham dado os "grunhidos", ficaram silenciosos. Cautelosamente, sempre olhando para traz de vez em quando, afastou-se o Sr. Daildo na direção da escada (veja em primeiro plano na foto nº 30 e no croquis 28 em segundo plano) para chamar o outro vigia (de longos anos), o Sr. Antônio, que devia estar no escritório administrativo (veja em CESP no croquis 28 do Sr. Daildo). Escutou entretanto, atrás de si, o bater de uma "porta de automóvel". Quando olhou, viu o vulto de um objeto com a forma aproximada de um furgão Volks, tendo porém uma base com cerca de 10m de largura, apoiada no chão, e altura de uns 15m (leia, no livro de Arthur Berlet, "as geladeiras voadoras", com formato igual ou parecido).

CIPEX e GENA

O veículo elevou-se no ar, em seguida, quando então Daildo "sentiu" um segundo barulho acompanhado de uma "pressão de ar" ("frigido", nas palavras da testemunha). Em vôo ascensional oblíquo, dirigiu-se a um transformador de baixa tensão (visto em "b" nas fotos e no croquis respectivo), recuando de lá, em outra ascensão, para passar por cima da rede de alta tensão, em novo zig-zag, partindo em rumo à cidade vizinha, de Lins. Esta última vira-volta deixou bem claro na mente do Sr. Daildo que ele não acabara de enfrentar réles ladrões de escritório ou de galinhas. Em conjunto, os vigias Antônio e Daildo inspecionaram o local, verificando que no piso o cascalho estava revirado e espalhado pela grama. Acharam os botões arrancados da camisa de Daildo, a capa de inverno e uma lanterna caída do bolso direito da calça, e que não tinha sido usada porque as pilhas estavam esgotadas. Encontraram também, a uns 20m do local, os sapatos da testemunha, provavelmente lá jogados pelos tripulantes antes da sua decolagem. Duas janelas do escritório se apresentaram abertas, uma delas forçada com certeza. Pela manhã, uma 2ª feira, quando os engenheiros chegaram, às 7 horas, foi feito então o balanço do escritório. Nada constou faltar, inclusive uns 30 cruzeiros novos guardados em uma das gavetas do arquivo, como nos assegurou o Dr. Benedito Clovis dos Santos. Entretanto, apareceram sinais de mãos (sujas?) em um dos arquivos (veja foto nº 26). Fêz-se comunicação imediata do acontecimento à Delegacia de Polícia (Dr. Oswaldo Sena), e na 4ª feira seguinte as autoridades militares de Bauru inteiraram-se do fato, in loco, dando toda atenção e seriedade ao acontecimento. Houve ainda 2 entrevistas militares (aeronáutica), além de uma outra ao "Reporter Esso" do canal 4 (São Paulo). A direção modificou a guarda, com duplicação, sendo assim usados 6 em vez dos três vigias, como até então.

Ríspida e bruta veio logo a resposta: "O Senhor está nervoso? Não nos faça perguntas; responda às minhas perguntas! Estes aparelhos fora da cidade (trata-se dos distribuidores de 90 000 volts) pertencem a esta Companhia?" "Pertencem", foi a resposta sêca do Sr. Adriano. Depois disso, exatamente ao mesmo tempo, os 2 viraram as costas para o Sr. Adriano, executando porém, estranhamente, uma rotação dos seus corpos, um em sentido contrário ao do outro até se virarem totalmente. Depois saíram em passos miudinhos, com pouco movimento dos pés, sem

para esquerda, avistando o bairro Pinheiro, embora não fôsem visíveis de lá, por causa da vegetação alta que existe na parte superior da colina (veja foto nº 36). A visibilidade era ruim também para Tiago, que só percebeu uma estrutura arredondada, metálica, com aprox. 1,5m de altura pela sua frente, pousada num tripé, quando dela distava apenas uns 10 metros. A nós parece que a atitude de Tiago, de inspecionar o veículo por meio do seu binóculo, nesta distância, provém mais de um gesto de cautela para ganhar tempo, agarrando-se mais uma vez a um utensílio parte do próprio lar, ou pelo menos, da nossa civilização (frente ao estranho). A seguir abriu-se uma portinhola (veja no desenho em 37 executado pela testemunha ou em 38 no "desenho falado" feito pelo irmão da mesma, engenheiro Aparecido Machado) da qual saíram, "flutuando", dois tripulantes, um de cada vez, que suavemente desceram para tocar o solo. Viu, por uma espécie de "pára-brisa" do veículo, as cabeças de mais 2 olhando para ele. Era gente forte como transparecia pela roupa colante "aluminizada" que cobria todo o corpo, dos pés à cabeça, com excessão da maior parte do rosto (visível através de um visor transparente). A testemunha, que mede 1,60m de altura, calculou os tripulantes em 1,5m (um repórter mais nervoso, não tomando apontamento correto, truncou esta cifra para 0,50m, no primeiro noticiário). Os dois tripulantes deram três passos para frente, e Tiago deu um, ficando assim a uns 8 metros de distância, quando se entabulou vivo linguajar entre as duas partes (não sabemos quem teve a iniciativa). Entretanto, Tiago não entendia o significado dos sons "grossos" guturais e "roucos" que os tripulantes emitiam. Esses sons pareciam escapular de uma espécie de "trompa móvel", como que de borracha, que se movimentava na parte inferior da máscara de cada tripulante, ao falar. Quando Tiago perguntou (em português) como teriam chegado àquê local, um deles (à esquerda de Tiago) fez um gesto de movimentos rotativos das suas palmas de mão, apostas, formando também um círculo com dois braços, que em seguida levantou e baixou repetidamente. Nesta hora Tiago puxou um cigarro e o acendeu, o que foi observado com imensa atenção pelos tripulantes. Estes se entreolharam e se falaram quando Tiago tirou as primeiras baforadas. Tiago tirou então do bolso da camisa um maço contendo ainda 14 cigarros e o jogou para eles. Apesar de o maço ter caído mais perto do tripulante de cima, foi o de baixo que o apanhou, sem tirar os olhos de Tiago, inclinando-se com uma certa dificuldade causada aparentemente pela roupa. Foi observado entretanto, que a roupa, vista por Tiago só na parte da frente, só tinha uma sutura no meio dos sapatos (veja fig. nº 34) mas possuía pregas que permitiam um movimento para frente (joelho e tornozelo) e lateral (na cintura), com pouco movimento no ombro. Quando a mão do tripulante chegou a uns 10cm do maço, este elevou-se chegando a colar-se nela, a qual de novo foi levada ao corpo, quando Tiago não pôde mais distinguir o maço, que desapareceu sem ele perceber como ("de uma forma desconhecida"). Parece que os dois tripulantes gostaram, porque riram, mostrando seus dentes enegrecidos (os quais diferem dos nossos). Os dentes de baixo se encaixavam em falhas apresentadas pelos de cima, e vice-versa. A pele do rosto era lisa porém de cor amarelada, apresentando os dois tripulantes uma cicatriz em cada uma das suas bochechas. O olho esquerdo parecia estar situado mais acima (perto da frente) que o direito, mas a nossa argumentação é que esta assimetria poderia ser devida à refração dos raios visuais (de Tiago) pela parte transparente frontal do capuz dos tripulantes. Entretanto, lembremos que o linguado, entre os peixes, apresenta uma grande assimetria na colocação dos olhos. Os lábios eram finos; o nariz mais achatado que o nosso; não havia a parte branca (esclerótica) no olho, e nem pupila; era apenas de um amarelo mais escuro e não piscava. Também não se viu pálpebra ou cílio. Notavam-se duas rugas paralelas em cima dos olhos. Se havia orelhas ou cabelos, não se podia afirmar, por estar esta região coberta pelo invólucro metalizado. O queixo, porém, dava a impressão de estar "fugindo para trás". Depois do episódio do cigarro, houve estreitamento mútuo de confiança, porquanto os dois se adiantaram um passo, o mesmo tendo feito Tiago. Este pensou nitidamente que os dois o queriam convidar para viajar no seu veículo. Tiago entretanto não queria ir embora, sem deixar, para seus pais e amigos, pelo menos um comprovante de que tinha estado no local (do qual desapareceria). Assim sendo, pegou o seu binóculo e o colocou no chão. Isso repercutiu de modo alarmante para os tripulantes, porquanto logo recuaram 4 passos na direção do seu enge-

Nigel A. Rimes, conforme segue: No dia citado, às 12h30 min, 3 meninos de 8, 11 e 12 anos estavam brincando perto do portão do hospital, quando viram, a uns 350m de distância, um objeto de uns 10m de diâmetro e outros tantos de altura, de cor cinza (possivelmente auto-luminoso), que estava apoiado em um tripé com uma escadinha que ia até o solo (conforme croquis 41, escolhido, dentre outros, pelas testemunhas). Logo em seguida gritaram quando o objeto acabou de decolar, elevando-se alguns metros na vertical. O tripé, e em seguida também a escadinha, foram lentamente puxados para dentro. Continuando o seu vôo oblíquamente, ganhou rapidamente altura e velocidade, em direção do centro de Botucatú, envolvendo-se numa nuvem branca que deixou esteira no céu por algum tempo. Pelo pesquisador Sr. Rimes, ficou esclarecido que um dos meninos tinha percebido, intermitentemente, um som bastante agudo, durante a decolagem. Os outros dois viram como a cúpula do engenho tinha se aberto ao meio, afastando-se as duas partes para o lado, imediatamente antes da decolagem, deixando aparecer no meio uma luz muito brilhante. Logo após à decolagem fechou-se esta cúpula de novo; entretanto, continuava o brilho branco, dentro dela. Vista por baixo, emitia a parte inferior uma "auréola vermelha". Após este episódio, demonstraram os meninos um estado nervoso e apreensivo (mesmo depois de ter passado o primeiro susto), durante o dia inteiro, notando-se também neles a perda de noção do tempo (a SBEDV ignora os testes usados para esta avaliação). No dia seguinte, dentro de uma falha de uma fileira de eucaliptos (veja o croquis nº 40), em terra arenosa mas bastante firme, acharam-se no chão marcas que correspondiam evidentemente ao tripé. Vinte dias após o fato, quando já havia caído uma chuva, o Sr. Rimes achou no local impressões cônicas com um diâmetro entre 28 e 30cm e profundidade entre 4 e 5cm, não cedendo a terra neste local a nenhuma pressão do dedo. Em carta de 1 de fev. 69, o Sr. Rimes nos escreveu ainda a este respeito: "não davam estas marcas a impressão de terem sido causadas só por um grande peso ou por um "impacto" de aterrissagem de um peso relativamente pequeno, como seria o caso de um helicóptero de 2 toneladas. A mim mais parece que a terra estaria cozida pelo calor (de indução?), porque toda a parede, até em cima, estava firme. No caso de um impacto, somente o fundo demonstraria esta consistência". Pelo passado deste investigador, tomam grande importância estas idéias (+1). Os lados do triângulo formado pelas 3 impressões mediam respectivamente: 5,45; 6,8 e 7m. As marcas da escada, afastadas entre si por 60cm, ficavam perto do lado maior do triângulo (veja fig. nº 42), medindo 15cm de comprimento, 10 de largura e 10 de profundidade, tendo entretanto os lados já começando a desmoronar.

Paralelamente a este caso, soube ainda o Sr. Rimes que um advogado da localidade viu certa noite um DV aterrissado à beira da estrada que posteriormente foi confirmado pelo motorista de um outro carro que seguia alguns minutos depois, pelo local. Também o fazendeiro Zucce, da Fazenda Paula Souza, viu certa noite um DV por cima do seu carro, tendo o mesmo aterrissado na beira da estrada, numa curva. Quando para lá dirigiu os faróis do seu carro, o DV levantou-se com tremenda velocidade e desapareceu. Houve também o caso do ônibus escolar "Rubião Junior", que também foi acompanhado durante alguns quilômetros por um DV em vôo baixo, tendo os escolares então gritado pelas suas mães. Um último caso é focalizado na seção "DISCUSSÃO", no fim desta série.

ver: 7-AR

CIPEX e GENA
-:-:-:-:-

B 9 - O CILINDRO INTERPLANETÁRIO DE CACONDE

A 14 de set. de 1968, estivemos em Botucatú realizando uma palestra sobre DV, junto aos nossos amigos Guilherme Wirz e Nigel Rimes. No dia seguinte fomos para a cidade de Caconde, estação de veraneio, perto de Poços de Caldas. Por

OBS.: A nota esclarecedora (+) desta página, e das demais, encontram-se no item "G 17".

informação dos nossos amigos, tinha havido ali a aterrissagem de um artefato extra-terrestre, com a subsequente recuperação pelos seus donos espaciais. O fato se deu na casa do Sr. Caetano Sergio dos Santos, onde o encontramos (veja foto 46), no bairro da Cadeia Nova. O Sr. Caetano é um tipo atlético, ao molde do nosso caboclo "sacudido" (veja na foto nº 43 o Sr. Caetano, com a esposa e dois dos seus filhos), e de mostrou inteligência bem acima da média, porquanto respondeu às nossas perguntas, com precisão, até o ponto do possível. Contou-nos que sendo ele vigia noturno da Prefeitura, deparou-se com um fato estranho ao chegar em casa, no dia 17 de maio de 1968, às 5h da madrugada. Encontrou, do lado direito da porta de fora, um cilindro de aspecto metálico, tendo aprox. 17cm de comprimento por 15 de diâmetro, e tentou pegá-lo. Porém não conseguia levantar o mesmo do chão com uma das mãos, somente, por constituir o seu peso o equivalente ao de um objeto muito maior, como por ex. um dínamo de um carro Chevrolet. Usou então as duas mãos para erguê-lo, admirando-se da pequena mocha (de uns 5mm) no chão de barro úmido. Pensou que alguém o tivesse ali colocado ou deixado cair ao passar, talvez por constituir objeto de roubo, querendo implicar o seu nome, ou da sua família. Imaginou também coisa pior, como uma bomba explosiva, das quais se falava muito nos jornais naquela época. Venceu entretanto a sua curiosidade e durante hora e meia ocupou-se em examinar o objeto, de superfície cinzenta, lisa, fôscas, que entretanto ele não conseguia arranhar com uma chave de parafusos. Usou também a chave tentando fazê-la penetrar entre este metal e placas transparentes que cobriam as duas bases do cilindro, nada conseguindo por não haver qualquer fresta aparente entre o metal e o material transparente. Através dele via-se uma placa de mostrador, aparentemente do mesmo material do cilindro, contendo em baixo-relêvo duas escalas com divisões, separadas entre sí por uma linha também em baixo-relêvo. A escala interna era constituída de algarismos arábicos, de 1 a 5, havendo uma bolinha onde encostava um ponteiro e que corresponderia ao zero. As divisões da escala externa correspondiam às da interna (veja na fig. 45 o croquis feito pelo Sr. Caetano), porém os sinais que as assinalavam eram tão complicados que o Sr. Caetano viu-se impossibilitado de copiá-los apesar de assim o desejar. Os mostradores de cada lado eram idênticos, porém variavam os ponteiros, sendo um de côr preta, de um lado, e outro vermelho, do outro lado. Depois de ter se ocupado com o objeto durante uma hora e meia, foi dormir, tendo almoçado às 14 horas e ido após ao pátio ensolarado (veja a frente da casa na foto nº 46), para chupar uma laranja, porquanto fazia frio dentro de casa. Quando passou um avião acima da casa, lembrou-se de nôvo do objeto e foi observá-lo, para verificar se o avião teria alguma influência sobre os enigmáticos ponteiros, o que não aconteceu. Arremessou o objeto ao solo, com violência, no intento de provocar um movimento dos ponteiros, os quais entretanto não se desencostaram das mencionadas bolinhas.

CIPEX e GENA

Inicialmente teve receio de mostrar o objeto aos vizinhos, porém apresentou-o com as palavras: "olhe o relógio que achei no quintal!". Não deixou os seus dois filhos (veja foto nº 43) Antonio Caetano (7 anos) e Nilsa Aparecida (3 anos) pegarem no objeto, e o colocou fora do alcance dêles, entre uma lamparina de óleo e dois pedaços de sabão (veja fig. 44), no tampo do muro do box do chuveiro. Esse muro também fazia separação entre o chuveiro e a cozinha, ficando ambos (veja seta preta na foto 46) no lado oposto ao quarto de dormir (veja seta branca). Durante a noite, saiu do seu trabalho e foi visitar a sua esposa, que estava no 7º mês de gravidez, para confortá-la. A primeira visita foi à zero hora e 30 minutos quando, olhando para o objeto, notou nele "estranho brilho à luz da lâmpada". Outra vez na rua, encontrou alguns amigos e contou-lhes também sobre a existência do objeto. À uma hora e sete minutos, outra vez foi ver se a esposa passava bem. Porém, ao entrar na rua de sua casa, escutou comentários, pelas vozes nas casas vizinhas, de que a sua esposa tinha pedido auxílio à vizinhança. Correndo as últimas dezenas de metros, de fato encontrou a sua esposa no pátio, na noite fria, em trajes leves, tendo a ela agarradas as crianças chorando. Soube pela esposa, que, momentos antes, tudo havia serenado, após um espetáculo de uns 15 ou 20 minutos dentro de sua casa, quando se viu forçada a sair junto com os filhos. Tinha ela sido acordada por um forte zumbido que vinha da direção da cozinha, de onde também emanava um forte clarão azulado, visível uma

vez que a casa não possuía fôrro. Sentiu ao mesmo tempo estranho calor dentro da casa. Nada se modificou, entretanto, quando desligou a chave elétrica geral, pensando em curto-circuito. Pelo contrário, o calor aumentava cada vez mais, o que a fez agarrar os seus filhos, tirando-os das suas caminhas assim mesmo, e arrastando-os para fora de casa, naquela noite fria, o que naturalmente provocou sustos e choros. Em altos brados apelou então para a vizinhança, que acordou, quando foi ouvido um estranho barulho em cima do telhado da cozinha, de onde vinham caindo alguns pedaços de telhas. Depois disto, acalmou tudo como por encanto. Não havia mais a luz nem o zumbido dentro da casa, e foi então que chegou o Sr. Caetano. Resolveu o casal entrar de novo na sua casa, para investigar. Não foi mais sentido o calor, mas também o estranho objeto não se achava mais no seu lugar. No telhado, na direção do muro do box, havia agora um buraco, com a destruição de uma telha cujos pedaços foram achados no pátio, e recolhidos. O Sr. Caetano, de volta à cidade, encontrou-se no caminho com o Sr. Benedito Oliveira dos Santos, secretário da Prefeitura e homem de sensibilidade intelectual, o qual motivou a vinda de pesquisadores de São Paulo, para Caconde. Estes verificaram que a temperatura, naquela noite, havia sido de 9° Celsius, tendo caído pequena geada no campo. Levaram consigo os restos da telha, e examinaram por contador Geiger a radiação de uma mesa (de madeira) e do muro do box, devendo entretanto haver o comentário de que a região é rica em minério físsil, sendo também reconhecida a radioatividade das águas quentes dos balneários próximos (Poços de Caldas e Águas do Prata).

CIPEX e GENA
-:-:-:-:-

B 10 - A FOTO DO SR. IBRAIM (como se ganha e se perde uma foto)

Trata-se da foto de um DV. Foi feita pelo profissional (há 15 anos) Ibraim Rodrigues da Fonseca (veja foto nº 47), de 33 anos de idade, na cidade paulista de Itapeva, entre 0 hora e uma da manhã, no dia 4 de julho de 1968. A notícia chegou à SBEDV pelo Sr. Guilherme Wirz e falamos com o fotógrafo no dia 22 de setembro/68, na sua casa. Ibraim levou-nos até o local, distante aprox. 1.500m da sua residência, na direção do bairro Mata Fome (veja fig. 47 e 48). Ele costuma ficar acordado até às 2 da manhã, por estar cursando a escola normal (1º ano), tendo deixado a janela aberta, em vista do calor excessivo daquela noite. Foi quando notou uma "estrêla maior que as outras" (veja fase 1 no croquis 49 executado pelo Sr. Ibraim), que foi "aumentando", o que o fez pegar a sua máquina Flexarette, 6x6, sempre pronta para qualquer serviço. Foi andando em direção da "estrêla", que tomava a forma assinalada na fig. 49 (fase 1). No caminho encontrou o Sr. Joaquim de tal, que, embora bêbado, insistiu em acompanhar Ibraim. Quando chegaram perto de um planalto (mais elevado que o caminho, como é visto na fig. 47), de repente um objeto "acendeu" (iluminou-se) na beira do terreno, mais ao alto (veja fotos 48 e 50). Achava o Sr. Ibraim que o DV tinha um diâmetro de 7 a 8 metros, distando uns 10m dos observadores. Estas medidas, entretanto, nos parecem um tanto imprecisas, uma vez que o local (dos observadores), a nós indicado pela testemunha, ficava pelo menos a uns 14 a 20m e ainda em um plano cerca de 3 metros abaixo do planalto.

O ébrio correu logo, e quando interpelado no dia seguinte, para servir como testemunha, disse que tinha visto um "helicóptero". Conforme "fase 2" do croquis 49, feito pela testemunha, o objeto possuía forma discóide na sua parte superior, com movimento rotativo (não se lembra mais em que sentido). A parte inferior, também discóide, estava dividida em dois setores, por uma faixa escura que a atravessava. Escutava um zumbido baixo, não sentindo nem calor, nem cheiro qualquer. Dirigiu-se ao local com a intenção de fotografar o objeto (a uma altura de 300m, como esperava), quando, de repente, viu o "Disco iluminar" à sua frente; ficou estatelado e parado uns 15 minutos. Finalmente bateu uma chapa e logo depois uma segunda, com foco "infinito" e exposição 1/25 ou 1/8 de segundo. Em seguida afastou-se do local, quando o Disco também levantou vôo, formando-se ao redor da parte superior

Assim sendo, saiu do quarto e foi até à varanda, para ver se descobria alguma coisa. De fato, no alto, havia um objeto que cruzava naquele momento sobre a sua casa. Não pôde estimar a altura nem o tamanho, embora o objeto estivesse bem alto e parecesse, conforme Donald, "ter conformação de um satélite artificial" (OBS. da SBEDV: Aquela hora do dia, o brilho de um satélite artificial não poderia ser notado, devido ao seu fraco fulgor em relação à claridade natural do dia. Sua visibilidade só é possível contra um "céu" escuro, que possa realçar o seu brilho fraco). O objeto, que também foi visto por um empregado de Donald, o Brito, naquele momento apresentava um movimento rápido, desaparecendo por trás do telhado da olaria. A velocidade devia ser alta, pois o movimento correspondeu a um ângulo de aproximadamente 35° a 45° (com o objeto muito longe), o qual foi descrito em uns 7 ou 8 minutos. Voltando então ao seu receptor, Donald constatou a mesma interferência que ainda se prolongou por mais 1 hora, sempre com as mesmas características. Trata-se de um som de tonalidade e intensidade variáveis, que se repete periodicamente e que poderá ser ouvido a partir da fita magnética apresentada neste boletim, conforme indicado no início. Na ocasião, Donald teve a oportunidade de gravar a curiosa interferência por meio de um gravador Phillips, portátil, na velocidade de 1 polegada e 1/3, por segundo. Posteriormente, o Sr. Giglio gentilmente copiou para nós a gravação da qual um pequeno trecho vai acompanhando este boletim.

Não sabemos se, pelas redondezas, outros receptores teriam acusado a mesma interferência.

CIPEX e GENA

Para complementar a pesquisa, alguns meses após estivemos na residência do Sr. Giglio, em Niterói, e dele colhemos uma série de informações adicionais, de caráter puramente técnico. Entretanto, as mesmas serão aqui expostas e por nós comentadas porque permitirão ao leitor afeito à matéria um entendimento mais completo sobre o ocorrido e também possibilitarão uma futura referência a pesquisadores que se deparem com fatos análogos:

a)- O receptor de comunicações do Sr. Donald é um DELTA mod. 309, com as faixas de 10-11-15-20-40 e 80m e a recepção estava sendo feita em AM.

b)- A mesma interferência apareceu em todas as 6 faixas e persistiu continuamente ao ser girado o controle de sintonia, de ponta a ponta, em cada faixa.

c)- Foi reduzido até ao mínimo o controle de sensibilidade (RF) do receptor, mas assim mesmo a interferência não se atenuou, continuando a aparecer ao nível de 40 db.

d)- O sinal de áudio, interferente, variou aproximadamente entre os 300 e 800 Hz (estimativa feita "a ouvido"). Ainda não fizemos qualquer análise instrumental (incluindo osciloscopia) para colhemos informações maiores e mais precisas sobre o sinal, o que pretendemos fazer oportunamente.

e)- Analogamente ao indicado em "b", a mesma interferência também foi ouvida em um receptor portátil, transistorizado, na faixa de ondas médias ("broadcasting").

Pelo exposto, podemos considerar o seguinte:

I)- O item "c" mostra que, no caso do receptor de comunicações, a interferência não entrou pela antena ou circuitos correlatos. Como primeira hipótese, pode ter penetrado diretamente num canal de FI do receptor, por uma portadora na frequência correspondente. Como segunda hipótese, poderá ter chegado por uma portadora de qualquer outra frequência fora das faixas do receptor, tendo atingido diretamente a entrada dos circuitos de áudio, onde sofresse demodulação em algum ponto que pudesse operar espúriamente como retificador, tal como alguma oxidação porventura existente.

sem serem iguais anatômicamente (aspecto "humanóide"), convém pelo menos hipoteticamente, focalizar algumas das possibilidades que conduzem a uma cor amarela dos tripulantes, conforme já assinalado em alguns casos na literatura mundial especializada. Em vez da nossa melanina, (pigmento preto alojado na epiderme), poderia essa raça possuir um análogo, mas de cor amarela. Outra alternativa seria que possuísemos uns elementos figurados, do sangue, de cor amarela, em vez dos nossos "glóbulos vermelhos", incumbidos das trocas gasosas. De fato, o pigmento hemoglobina é antecedido na sua produção, pela porfirina, e esta, por sua vez, é relacionada com a clorofila (pigmento de cor verde) das plantas. Em se tratando de planetas de densidade atmosférica maior, podemos conceber pressões de 2 a 3 atmosferas (em relação à Terra), não havendo então necessidade de elementos figurados (glóbulos), no sangue de seus habitantes, como transportadores do oxigênio, uma vez que o próprio plasma (saturado de oxigênio, pela alta pressão atmosférica reinante) se encarregaria disto. Esta viabilidade ficou provada pelas experiências em animais (porcos), na Holanda, quando se conseguiu circulação sangüínea extracorpórea, com sangue isento de elementos figurados (glóbulos), porém sob uma pressão atmosférica (artificial) de cerca de 3 atmosferas. Poderia assim circular, por razões desconhecidas de nós, no sangue desses extraterrestres, um pigmento plasmático amarelo (uma "xanto-plasma"), análogamente à "coerulo-plasma", de cor verde (citada ainda pela Frankf.Ztg-31/12/68), existente no organismo humano (terrestre) e que às vezes provoca um "plasma verde".

CIPEX e GENA

Raças envolvidas: Não sabemos se eram idênticos os "incursionistas" de Baurú e a "visitante" de Lins, mas pelo linguajar da última e os "grunhidos" dos primeiros (também tinham cabelos ruivos), estes mais se parecem com os homens de A.V.B., na versão de Dr. O. Fontes, como foi publicado pela Flying Saucer Review na Inglaterra (leia também "O caso de contato de A.V.B.", em O Cruzeiro Internacional de 1965; de 16-I; 1-II; 16-II; e 1-III, de Heitor Durville (pseudônimo do Dr. João Martins) (+1-a). Estaríamos assim neste Boletim frente a 4 raças diferentes, não tomando em consideração os "robots" de Leme. Se nos abstivéssemos de considerar os homens vestidos com escafandro (caso de Luiz Henrique da Silva, Boletim SBEDV nº 10) e tripulantes vistos à noite e à distância (o tripulante de 1m de altura com vestimenta do tipo do boneco "Michelin"-anúncio comercial francês - visto por Luiz Gonzaga e ref. no Bol. nº 42/44, e os tripulantes de Água Branca, ref. no Bol. nº 54), poderíamos dividir em 3 grupos (A, B e C) as 12 ou 13 raças mencionadas nos Boletins da SBEDV:

A - Gigantes: nº 1- de 3 a 6m vistos pelas costas, em Mindurim (Bol. nº 8, pág. 3 e 9, pág. 6). B - Humanoides: nº 2- em Sagrada Família - Belo Horizonte, de 2m; nº 3- na "Baleia" - Belo Horizonte, de 2m; nº 4- Pirassununga, de 1,5m; nº 5- caso de A. Rossi, de 2m; C - Humanos: nº 6- Garanhuns-Pernambuco, de 70cm; nº 7- em Canhotinho-Pernambuco, de 90cm; nº 8- em Mogi-Guaçu, S.P., de 1,10m; nº 9- em Lins-S.P. (caso de Turíbio), de 1,5m; nº 10- caso de Lins-S.P., de aspecto humano normal, no sanatório Serafim Ferreira; nº 11- Baurú-S.P., de aspecto humano normal; nº 12-A. Berlet - de aspecto humano normal; nº 13- prof. João de Freitas Guimarães, de 2m, com aspecto normal.

Pela multiplicidade dos casos de aterrissagens aqui no Brasil, já era tempo de começar um estudo antropológico e fisiológico, ligado a círculos acadêmicos, oficializados ou não.

Esfera de Consciência dos Tripulantes (intenções): Mesmo que admitamos a existência de um grandioso "plano cósmico" no sentido de "integrar" a Terra no "Espaço" e nas leis ali reinantes, ainda assim somos forçados a conceber a participação de várias humanidades com estágios (e esferas de consciência) e recursos técnicos diferentes, uns podendo ser considerados mais avançados e mais "bons", outros mais atrasados e mais "ruinzinhos". Por exemplo: o DV de Itapeva telemetrou toda a andança do fotógrafo, mesmo à noite. Enquanto isto, os "incursionistas" de

Baurú não tinham percebido o vigia que instantes antes bateu o seu ponto. Já os robots que visitaram a mesma Companhia (CESP), embora em outra cidade (Leme), demonstraram alta perfeição na telemetragem, e talvez estivessem, como no evento de Bauru, preocupados com o estágio do nosso progresso (os transformadores de 90.000 volts?). Enquanto os homens de Pirassununga desconheciam o cigarro (de Tiago), a visitante de Lins (caso de Dona Maria Cintra) acompanhou com toda a naturalidade a atendente, até o bebedouro, para que enchesse de água a sua garrafa, e tomou ali mesmo o seu gole. É simplesmente inconcebível para muita gente ainda, que esta visitante, bem como aqueles de Baurú, estivessem já "perfeitamente em casa" (consultar Bol. 60/61, pág. 19), entre nós. Talvez até mesmo terrestres (patrícios?), já "interplanetários", estivessem envolvidos também nestas pesquisas, como deixam supor os algarismos arábicos no mostrador do aparelho de Caconde, a não ser que estas cifras nos tivessem chegado originariamente do "Espaço", em tempos pré-históricos.

Para aperfeiçoar o estudo de outras civilizações, devíamos ter um meio de fazer contatos mais a miúdo, e que não é possível enquanto estamos guerreando não só entre nós mesmos (o que provoca um ambiente conturbado, como qualquer pessoa pode compreender), mas também enquanto movemos "uma guerra ao problema espacial", inerente à política do complexo econômico-militar. Infelizmente, fatos como os relacionados a seguir impedem grandes contribuições e avanços nesta matéria:

a) Um representante em um congresso ufológico mostrou o seu revólver a tira-colo, que serviria "para perseguir" tripulantes de DV.

b) Ridicularizou-se a importante experiência do prof. João de Freitas Guimarães, que rendo-se até proibir que ele fizesse novos contatos com extraterrestres.

c) Um ufologista gaúcho falou em DV que lançou raios causadores de leucemia, mas não pesquisou nem a respeito do homem envolvido, pessoalmente (estaria morto agora?), nem da esposa e nem do médico que teria feito exames no paciente. (OBS.: Enquanto grandes Sábios pesquisam sem concluir, há certos "pesquisadores" que concluem sem pesquisar...) *

CIPEX e GENA

A nossa opinião é que, uma vez que nunca se deu publicamente satisfação para o segredo político ou para as deformações no assunto, dever-se-ia tentar uma pesquisa e compilação séria do assunto, deixando toda espoletagem de lado.

A propósito, citamos a revista francesa "LUMIÈRE DANS LA NUIT", que anuncia (fev. 69) a próxima publicação, na seção "Contact Lecteurs", de 800 casos de aterrissagens tirados dos arquivos da USAF graças à atuação do "Colégio Invisível" ("Savants Clandestins"), como são chamados pela revista estes pesquisadores de fundo político, provavelmente ligados à própria USAF.

Técnicas Especializadas e suas influências sobre o corpo humano: Parece esquisito o estado emocional com "perda da noção do tempo" (segundo as palavras do Sr. N. Rimes) durante um dia inteiro, apresentado por uns meninos que presenciaram uma decolagem de um DV a uma distância de uns 350m. Entretanto, devemos lembrar que a Dona Maria, vendo uma decolagem de uma distância de aprox. 20 a 30m, ficou toda "perturbada" e teve uma micção involuntária. Lembremos o caso do bancário Filomeno, de Montes Claros (SBEDV Bol. 45/47, pág. 6), que não se perturbou com o DV que o sobrevoou à altura de uns 50m, enquanto pescava; porém, quando este se afastou com grande aceleração, constatou que "ficou com o coração batendo muito e teve uma micção, sem querer", apesar de não sofrer qualquer susto. Parece que em todos esses casos houve uma influência em nosso sistema nervoso central, por uma energia que emana do Disco na hora da decolagem ou aceleração, quando se desenvolveria uma atividade energética mais intensa (a imobilização de Tiago, na hora da decolagem, teve talvez o papel de impedir uma aproximação maior de sua parte, afastando-o de maiores perigos, e assim protegendo-o; muitos noticiários têm afirmado "a priori", que os tripulantes tiveram atitude hostil...).

Efeitos óticos: É curioso o "desaparecimento" do tripulante quando chega perto da nave, como foi o caso no Sanatório de Lins. Aliás, fato análogo já foi mencionado no Bol. 54, pág. 13, em relação ao tripulante em Mogi-Guaçu que levava ao Disco os galhos e folhas por ele recolhidos, "sumindo" quando da aproximação de pessoas na estrada ao lado. No Bol. 42/44, pág. 3, são citados 3 rapazes, em Itabirito, que de noite observaram um DV no ar e também na rua a aproximação de um ser de aprox. 1m de altura, "como um boneco de reclame dos pneumáticos Michelin" (cujo tipo foi recentemente visto na França relat. em "LUMIÈRES DANS LA NUIT" nº 96, pág. 1); mas de repente este ser desapareceu diante dos seus olhos. É possível admitir-se que um campo energético, em redor de um DV, cause como que uma obstrução ou refração de raios luminosos, de modo a tornar invisível a pessoa (ou coisa) que nele penetra, (+2). Talvez que o próprio tripulante possa, por meio de um aparelho, estabelecer tal campo. No caso de Botucatu, por exemplo, onde o Sr. Rimes argumenta que o DV tivesse aterrissado há uns 40 minutos antes, talvez que a aterrissagem se tivesse dado em forma invisível, daí não sendo pressentida pelos três garotos durante todo este tempo, mas só na hora da decolagem, quando se tivesse tornado visível. No mesmo artigo este pesquisador cita (F.S.R. Nov/Dez. 68, pág. 24) a descida de um DV numa fazenda, atrás de uns eucaliptos; porém, quando as testemunhas vasculharam o local, nada acharam no solo.

CIPEX e GENA

O Efeito paralisante de raios manipulados pelos tripulantes: foi objeto de interessante exposição pelo médico e anatomista Dr. Alfons Sankott, no Bol. SBEDV nº 48/50, pág. 6 e 7, com referência ao caso de "Sagrada Família"-Belo Horizonte (leia também H. B. Aleixo-CICOANI Especial 1968, Bol. SBEDV 51/53 e 62/65). O caso do Sr. Turíbio em nada de novo contribuiu. Porém, no caso de Tiago, foi visto uma protuberância em forma de faixa, na pele da coxa, com características de (talvez ser) um edema alérgico. Tiago sentiu primeiro um "formigamento" na perna direita (parastesia dos nervos sensitivos?) e em seguida um endurecimento dos seus músculos, sem entretanto prejudicar a sensibilidade profunda dos ossos, porquanto sem a mesma ele devia ter caído ao solo, como acontece a um boneco posto em pé. Será possível que o "raio luminoso" foi veículo de uma substância que penetrou na pele, na faixa assinalada, e difundindo-se pela circulação teve (após o efeito local de formigamento) um efeito geral sobre as placas neuro-motoras, provocando a rigidez por um estímulo contínuo?

Em 22/3/69, fazendo a S.B.E.D.V. uma pesquisa perto de Alexânia (Goiás), na fazenda "Vale do Rio de Ouro", do Sr. Wilson, soubemos de fato semelhante, quando teria havido "transporte de perfumes e música por meio de luz", porquanto uma pequena sonda luminosa lançou, de uma distância de uns 300 metros, um feixe de luz, que foi se aproximando até 2 a 5 metros de um grupo de 5 testemunhas, as quais então nitidamente tiveram as sensações acima descritas, ligadas aparentemente à luz que se aproximava.

Locomoção dos tripulantes: A descida e subida dos tripulantes, ao longo de feixes de energia, já foi pela SBEDV descrita (pela primeira vez) no caso de Luiz Henrique da Silva (Bol. SBEDV nº 10, pág. 5), em trajetória helicoidal, e também como dois feixes luminosos, no caso de "Sagrada Família" (Belo Horizonte), conforme os Bol. citados acima. O famoso pesquisador (falecido) George Adamski, em cartas pessoais, e conversas com os seus colaboradores, mencionou esta faceta em relação à "locomoção pelo magnetismo" em um caso do México (homem retirado por Disco, de dentro de uma multidão) e também em relação a um caso pessoal. O episódio de Pirassununga daria também um exemplo clássico neste sentido.

A ausência, no solo, da impressão do calcanhar da visitante do sanatório de Lins, e a preocupação dos tripulantes de Baurú, em tirar o sapato da testemunha, deixam suspeitar que "recursos de locomoção ou de defesa" são localizados aí e usados pelos tripulantes. Tais recursos poderiam estar contidos em peças da indu-

G 17 - NOTAS ESCLARECEDORAS DO TEXTO

(+1) - Nigel Rimes, de 33 anos de idade, inglês de nascimento, está no Brasil há 4 anos, trabalhando como professor de línguas. Teve êle o seu interesse chamado para o problema dos Discos Voadores, desde 1953, quando leu o livro de George Adamski e Leslie Desmond. Deixou a RAF (onde era piloto em 1958), visitando em 1959 a América do Sul (Paraguai) pela primeira vez, "tomando assim gosto" pelo continente. O Sr. Rimes é um importante elemento para a F.S.R.(Flying Saucer Review), da qual é correspondente, mantendo contato permanente com o eminente ufólogo Gordon Creighton.

CIPEX e GENA
-:-:-:-:-

(+1-a) - É interessante notar o seguinte fato: O Dr. João Martins, engenheiro e repórter, vem-se dedicando, há longa data, ao estudo minucioso sobre os DV, tendo se tornado famoso no assunto, através a belíssima reportagem do Disco da Barra da Tijuca (O CRUZEIRO-maio, 1952). Daí em diante continuou a publicar, na mesma revista, durante anos a fio, uma série de reportagens e comentários sobre DV. Tais fatos o tornaram por demais conhecido como bom entendedor e divulgador da matéria. Entretanto, no "Caso de Contato de A.V.B.", temos a considerar que:

- I)- O caso só foi trazido a público 7 anos após à ocorrência, apesar de ter sido pesquisado muito antes.
- II)- A reportagem só foi publicada em "O Cruzeiro Internacional", e não na edição nacional, privando a maior parte dos leitores do assunto, de tomar conhecimento de causa.
- III)- Apesar de já ter o seu nome consagrado no assunto, o Dr. João Martins, estranhamente, apareceu naquela reportagem, com o pseudônimo de "Heitor Durville".

Assim sendo, permitimo-nos perguntar se tudo isso não passaria apenas de um "jôgo jornalístico" (coisa usual e perfeitamente aceitável nos meios da imprensa), ou se dependeria de fatores que transcenderiam o nosso entendimento.

-:-:-:-:-

(+2) - Efeitos desta natureza, embora ainda não possuam uma explicação dentro da nossa ciência, nada têm a ver com a para-psicologia, uma vez que se trata de fenômenos totalmente objetivos. Aquêles que têm preguiça de fazer um estudo meticoloso no campo ufológico é que, talvez por comodidade (ou outros motivos...), querem englobar êstes fenômenos no setor da para-psicologia.

-:-:-:-:-

(+3) - O Cardeal Koenig (Munique), que abriu a 18ª reunião dos premiados Nobel, em Lindau (Lago de Constança-Alemanha), falou sobre "religião e ciência natural" (Frankf. alg. St.22/5/68).

-:-:-:-:-

(+4) - Já em nosso Bol. 60/61 (Jan.Abr.68) citamos o Tachyon, partícula elementar que seria mais rápida do que a luz, conforme a hipótese teórica imitada pelo cientista Gerald Feinberg. O Time Mag. a ela se refere, agora, um ano depois, em 14 de Fev. 69. Relativamente ao caso de Pereyro, na serra dos Macacos (Ceará), chamamos a atenção do nosso Sócio Mário Gomes Nunes sobre o artigo "Erdbebenkatastrophe of Galapagos-Insel" (terremoto catastrófico nos Galapagos) de Frankf. Ztg (11/11/68), onde durante o desaparecimento da Ilha Fernandina foram observados "relâmpagos e relampejar". Queremos lembrar aos nossos leitores que efeitos "piezo-eléctricos" foram observados também no recente (há 2 ou 3 anos) terremoto de Achorage (Alaska), quando uma companhia petrolífera de perfurações havia observado, meia hora antes, uma forte "queda do magnetismo local", em lugar próximo. Estando a pro

pulsão dos DV talvez ligada a princípios magnéticos, seriam êles os primeiros a sentir qualquer modificação terrestre desta natureza. Daí talvez o seu interesse nos casos dos "terremotos e maremotos".

-:-:-:-:-

(+ 5) - Embora o Senador Fullbright tivesse tido talvez alguma influência na paz do Vietnam, não tiveram sucesso as suas críticas (em 1966) em relação ao grande poderio ("um estado dentro do Estado"-Le Monde Dipl., U.H. 27/12/68), dos serviços secretos tais como CIA (Central Intelligence Agency), ATIC e DIA (Defense Intelligence Agency), por terem êles o direito de escolher os seus supostos "sensores" (no Senado americano). Uma vez que o segredo sobre os Discos também é maneado por estas agências, provavelmente continuará como está, a não ser que estas agências sofram um desgaste demasiado perante o público, por novas (e prováveis) aterrissagens de tripulantes de Discos.

Em épocas remotas, por serem muito pesados, os mastodontes não puderam se adaptar às repentinas modificações climáticas. Anàlogamente, talvez por ironia do destino, vão também se desmantelar aquelas organizações que, por serem demasiadamente poderosas, não querem ou não podem adaptar-se às novas exigências da idade ESPACIAL. Talvez por esta razão é que a Soc. Americana dos Físicos procura manter os seus sócios apolíticos (Frfrt. Ztg. 21/8/68).

CIPEX e GENA

-:-:-:-:-

(+ 6) - Goethe, em um poema dedicado à América do Sul (Correio da Manhã, 28/12/68), mostrou-se encantado com a falta de castelos neste continente, porque, para êle, os castelos representavam as testemunhas do feudalismo e avassalagem que então dominava o espírito europeu.

-:-:-:-:-

(+ 7) - O prof. Flávio Pereira é o ufologista que entre nós demonstrou maior grau de amadurecimento, porquanto agora não faz mais questão do segredo na ufologia. O segredo foi por êle defendido desde há 12 anos atrás, no prefácio do livro "Discos Voadores", de E. Faria. O professor fundou recentemente a Associação Brasileira de Estudo das Civilizações Extraterrenas, que não faz mistério sobre os Discos. Assim sendo, talvez que no futuro êle se desligue de Sociedades de "semisegredo", como a APRO, norte-americana. O diretor desta última ainda admitia, em jan. 1965 (APRO Bull. pág. 8), que esteve envolvido em induzir ao segredo os pilotos norte-americanos que viram Discos Voadores, pela aplicação do "regulamento 200-2" da USAF. A respeito do precessor do prof. Flávio na representação da APRO (Bull. Julho-Agosto 68 - pág. 2) no Brasil, escreve um Boletim australiano que "recebeu dêle muita informação original, alguma possivelmente sob o mais severo segredo e com exclusividade para UFOIC (nome da Soc. australiana de Sidney) que na sua edição do "NEWS-LETTER" de 21/12/68 assim se expressou: "... Much original information was received from him, some of it, possibly, exclusive to UFOIC and strictly confidential..."

É verdade que os conhecimentos que o professor Flávio mantém, "com especialistas que assessoram diretamente o poder executivo de algumas potências estrangeiras" (leia pág. 475, em "Livro Vermelho dos Discos Voadores"), podem trazer boas informações. Citamos como exemplo disto a sua entrevista sigilosa de 5 horas, com o Sr. Leclerc (Diar. Not. Rio 24/11/68), do "Life" (de Time, Life, Fortune), que vinha de Moscôu onde soube da existência de real documentário de um filme russo a respeito de Discos Voadores.

-:-:-:-:-

(+ 8) - Desde os primórdios da SBEDV conhecemos o Sr. Fernando Cleto Pereira como um ufologista. Entretanto, não podemos desta vez participar da sua

previsão (J. Brasil, 14-2-69) de que a FAB apoiará os estudiosos de Discos Voadores. Isto porque, desde 1957 existe a respectiva comissão de estudo em caráter secreto, como fica bem claro na introdução do prof. Flavio Pereira no livro "DV", do Dr. Escobar Faria (São Paulo). Nada indica que esta comissão será agora oficializada. Realmente, o primeiro passo para evitar um eventual pânico (no futuro) a respeito dos DV, seria exatamente a plena difusão de todos os conhecimentos que possuímos ao seu respeito. Exatamente é esta a reação do "ser inteligente" face ao desconhecido, porquanto um respeito sadio combinado com a curiosidade e humildade compensam o nosso medo diante do desconhecido. Estas palavras são do psicólogo McDougall (Social Psychology, Londres 1904), há 65 anos atrás, citadas também por Gordon ("Personality").

O estudo a respeito das raças do Espaço poderia ser aprofundado rapidamente, se todos pesquisadores (e elementos responsáveis) se comprometessem a não atacar mais as pessoas que dizem ter testemunhado ou presenciado um contato entre tripulantes de Discos Voadores e cidadãos terrestres. Um segundo passo de avanço dar-se-ia se fôsse permitida "na pesquisa livre" a cooperação de antropólogos, fisiólogos, psicólogos, médicos e engenheiros.

No entanto, o que se tem visto é uma hostilidade indiferente a todas as raças que têm vindo do Espaço, sejam elas superiores a nós ou semelhantes no seu estágio de evolução, sejam elas anatômicamente iguais a nós ou somente parecidas. Este procedimento inconveniente é executado exatamente quando nos preparamos para ir ao ESPAÇO, eventualmente para visitar, nos seus "habitats", os visitantes que atualmente estão entre nós. Assim sendo, formulamos as 3 perguntas seguintes:

- 1ª)- Como vamos ser recebidos pelas raças espaciais atualmente hostilizadas por nós?
- 2ª)- Quais são os nossos líderes e quais as razões em que se baseia a atual política terrestre de hostilidade aos Discos?
- 3ª)- Uma vez que o problema dos Discos Voadores é um problema TERRESTRE GLOBAIS... e de FÔRÇA SUPERIOR, por que então se alega ser de "segurança local, de política terrestre facciosa"?

CIPEX e GENA
-:-:-:-:-

(+9)- Não é fácil para um pesquisador terrestre abstrair-se da sua esfera de consciência. Um bom exemplo nos dá o ufologista patricio prof. Felipe Machado Carrion, no seu livro (Discos Voadores), na pág. 149, onde diz que os interplanetários são perigosos "porque acompanhavam os raios mortíferos dos (nossos) aviões de combate (na 2ª guerra mundial), como meros espectadores de luta de feras". Nós, da SBEDV, talvez pudéssemos interpretar este "não envolvimento" dos interplanetários, como respeito pelo "livre arbítrio" dos terrestres (como nós, aliás, também respeitamos os índios nas suas lutas fratricidas).

-:-:-:-:-

H 18 - SUMMARY OF THE "DISCUSSION" (item B 12)

The following 9 cases have been mentioned in item "B":

- B-3: "an extraterrestrial woman in Lins, state of São Paulo, asks for water at the sanatorium Serafim Ferreira" (with ilustr. by fig. 17 to 21);
- B-4: "A driver of a caterpillar in Lins succeeds in surprising 4 landed FS crew-members, but one of them has a big surprise for the driver "up his sleeve" (with fig. 22 to 24);

B-5: "A night-watch at an electrical-power-plant attacks an "intruder", but is overwhelmed by 3 space-men, at the struggle that ensues, at Bauru, state of São Paulo" (with fig. 25 to 30);

B-6: "Human-like robots interview (with a note-book) the night-watch of the electrical power-plant at Leme, state of São Paulo" (with fig. 31);

B-7: "Two FS crew-members accept as a gift the box of cigarets from the witness, at Pirassununga, state of São Paulo" (with fig. 32 to 39);

B-8: "At Botucatu a FS lands in front of another hospital" (fig. 40 to 42);

B-9: "An extraterrestrial gadget, found at the front-door is kept inside but leaves the house at night-time amongst a wave of heat, noise and light, by piercing the roof, at Caconde, state of São Paulo" (fig. 43 to 46);

B-10: "Story about a FS snapshot at Itapeva, state of S.P." (fig. 47 to 50);

B-11: "DV interferes with radio communication of a radio-ham-operator, at Maricá, state of Rio de Janeiro" (with fig. 14 to 16). One of us (G.P.) makes a study of the incoming signal, a sound of varying tone and intensity, recorded on tape (a sample is being mailed to SBEDV members) which interfered with reception on all bands (of the receiver) and was heard also on a portable broadcasting receiver. Several hypothesis of the nature of the signal and its pathway have been discussed.

CIPEX e GENA

ANATOMY: Human forms are mentioned in case B-3, B-4 and B-5. Case B-7 could be classified as a "humanoid", since the teeth, the situation of the thumb and the left eye seem to differ somewhat from the human sample. As to the yellow skin color, this could be explained: 1º) By the absence of the red cells (as the oxygen and carbon dioxid carriers) in the blood of a race which lives at a planet with a high atmospheric pressure (3 atmosph. and up) so that the blood plasma alone would be sufficient as the "gaz-carrier" (a planet with a big mass or high density would attract a bigger atmospheric envelopment). A yellow skin pigment instead our black melanine, or a "xanto-plasmine" instead our greenish "ceruleo-plasmine" would reckon for the yellow skin; 2º) Instead of our red pigmented "erythro-cytes" one could imagine instead yellow "xanto-cytes" circulating in the bloodstream as the gaz-carriers.

One mentions the 13 distinct races met in so far by the studies of SBEDV, grouped arbitrarily into a) giants (one case of 3 to 6 m of size); b) humans (with the size of 70 cm to 2 meters); c) humanoids (with several cases).

INTENTIONS: It seems that the robots at Leme and crews at Bauru were very much preoccupied with our present earthen (electrical-power) development. Not so the woman at Lins, who seemed quite at home at our environment. So it seems to us that "different races from Space, with a different stage of development, are landing at the same spot (Earth), more or less at the same time (FS flaps)". One hypothesis would show that all of them are cooperating for the same goal, perhaps a COSMIC PLANNING FOR EARTH. Could already earthen citizen be at a help in the execution of this planning? The arabic ciphers at the dial of the Space-gadget at Caconde would permit such a deduction. Otherwise could it be possible that the origine of our arabic numbers were in Space (which brought them to the Earth, in one of its "pre-historic-contacts").

DEVELOPMENT OF THE STUDY OF CONTACTS: So it seems logical to us that the study of the contacts is PARAMOUNT to get a better understanding about the intentions of Space. Unfortunately, not all Bulletins of Ufology have got this important message. There, (they have told us) are still fellows who show off proudly at (political?) Ufo

Congresses their guns, "as the proper instruments for the study of ufo-crew-members and their contacts with earthlings(??)". Those Ufo Congresses seem to be "way off the beam". "LUMIÈRES DANS LA NUIT", the french Bulletin, has "some news for them". This Bulletin announces that the USAF (US Airforce) has liberated 800 cases of "landings", which will be published (from April on) in the section of "CONTACT LECTEURS" in the aforementioned Bull. It is stated (Febr. 1969 of "Lumières dans la Nuit") that the move was occasioned by the efforts of the "INVISIBLE COLLEGE" and it seems that L.D.L.N calls with a twinkle of gallic humour "SAVANT CLANDESTINS" those university graduates, who are employed politically by the USAF secret services.

IS SOME GADGETERY OF A SUPER PHYSICS RESPONSABLE FOR CERTAIN PHYSIOLOGICAL INFLUENCES ON HUMANS? In the cases of B-3, 4, 7 and 8 influences on the human body have been found, so as nervousness, sudoresis, lack of memory, involuntary micturition and probable also taquycardia. This reminds us of similar cases published earlier in SBEDV Bulletins. As to the paralysis by rays (so in case B-4 and B-7) has Dr. Sankott in SBEDV Bull. 48/50 made an attempt to explain this in human physiology. This could be valid for B-4, but in B-7 some substances may have hit also the skin (allergic edema?) and so the light could have been used as a carrier, so as we recently heard it in a case, where... music and agreeable scents were transported, apparently by a source of light.

OPTICAL EFFECTS OF SPACE GADGETERY:? In case B-3, when the crew-member got near the craft, she turned invisible, apparently, for some moments, before entering. This could get its explanation by the strong refraction of light, by the field of energy, which encircles the craft. In connection to this, other cases mentioned in SBEDV Bull., are discussed.

THE LOCOMOTION BY FS CREW MEMBERS: The floating of the crews mentioned in case B-7 is compared with what we have heard earlier from George Adasmki and with what has been heard to have happened in other brazilian cases (mentioned in SBEDV Bull.) The absence of the impression of the heels (on the pavement of the sanatorium in Lins) and the preoccupation of the crew members at Bauru to remove the shoes (and also the coat) of their earthern opponent, would make it probable, that the space people look to those garments as those of energy for the purpose of locomotion or defense. The floating coats (without a breeze) of the space men in caso B-4 would permit such a deduction, also.

PRIVATE CIVILIAN RESEARCH HAS A BIG SHORTCOMING: specially in Brazil, when the personal has to overcome great distances until he reaches the sites of ufological events. By the ensuing fatigue mental alertness may come to a loss. Also the anxiety, to get back in time on Monday to the job (when research has being done during the weekend) will bring an additional psychological burden, upon the research personal.

A FURTHER STANDARTISATION OF RESEARCH: will be attempted in one of the future Bull., this in complementation to what allready has been proposed in Bulletin 62/65.

CIPEX-Centro de Investigação e Pesquisa Exobiológica
Cx. P. 24.555 - Agência Uberaba - Curitiba - Paraná - Brasil
Cep. 81.570-971 - e.mail: cipexbr@yahoo.com

-:-:-:-:-

